

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB

EVA CRISTINA GONÇALVES TORRES

A LUDICIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA - Não é Brincar
de Lecionar e Sim Lecionar Brincando

João Pessoa
2014

EVA CRISTINA GONÇALVES TORRES

**A LUDICIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA - Não é Brincar
de Lecionar e Sim Lecionar Brincando**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia, Campus I da Universidade
Federal da Paraíba, em cumprimento às
exigências para obtenção do título de Licenciada
em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ma. Walkíria Pinto de Carvalho

João Pessoa
2014

T693I Torres, Eva Cristina Gonçalves.

A ludicidade no ensino de língua portuguesa – não é brincar de
lecionar e sim lecionar brincando / Eva Cristina Gonçalves Torres. –
João Pessoa: UFPB, 2014.

78f.

Orientador: Walkiria Pinto de Caralho

Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE

1. Educação infantil. 2. Leitura e escrita. 3. Lúdico. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 373.24 (043.2)

EVA CRISTINA GONÇALVES TORRES

**A LUDICIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA - Não é Brincar
de Lecionar e Sim Lecionar Brincando**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Pedagogia, Campus I da Universidade
Federal da Paraíba, em cumprimento às
exigências para obtenção do título de Licenciada
em Pedagogia

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Walkíria Pinto de Carvalho
(Orientadora)

Profa. Dr^a Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira
(examinadora)

Profa. Dr^a Maria Erenilza Pereira
(examinadora)

João Pessoa
2014

Dedico este trabalho com imenso carinho às pessoas que fazem parte da minha vida. Especialmente a meus pais/avós Bianor e Terezinha (*em memória*), ao meu esposo Júnior César e aos meus filhos Júlia e Bianor. Dedico ainda, as pessoas que amam a educação e que acreditam na possibilidade de construir uma educação profissional de qualidade para todos e todas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me proporcionar saúde, força, paciência, perseverança e sabedoria para encarar os desafios durante os momentos vivenciados em todas as etapas de minha vida, especialmente a etapa acadêmica e principalmente por colocar sempre em meus caminhos pessoas extraordinárias.

Ao meu esposo Júnior César, por sua paciência e compreensão das minhas faltas algumas vezes, por cuidar dos nossos filhos enquanto me dedicava aos estudos acadêmicos, pelo seu companheirismo, respeito e incentivo, enfim por ser o homem maravilhoso que é.

Ao meu filho Bianor e a minha filha Júlia, pela paciência e compreensão da minha ausência em alguns momentos, e por serem os filhos mais lindos e maravilhosos do mundo.

Ao meu pai e minha mãe (em memória), que muito me ensinaram e me amaram. Tenho certeza de que estão felizes e orgulhosos de mim.

Aos meus familiares Vera Torres, Avani Torres, Araci Farias, Arnaldo Torres, Jorge Torres, Leninha, Lila, Raimundo e as minhas amigas Paulinha Medeiros, Sandra Medeiros, Ana Emília Sestak, Ilana Ribeiro, Elaine Alves, Josinalva Guedes, Patrícia Helena Meireles, Vitória Maria Oliveira, Mila Martins que me apoiaram, me deram força e muito incentivo quando necessitei e que torceram muito por esta minha conquista.

A professora Walkíria Pinto de Carvalho, que foi mais que minha orientadora, foi amiga e confidente, contribuiu muito com o meu aprendizado na vida e na academia, ensinando-me, ajudando-me e principalmente incentivando-me com sua espetacular autoestima.

As crianças e a professora Goreti da escola campo de estágio, onde realizei a pesquisa, sobretudo pela confiança em mim depositada para planejar e ministrar as aulas.

As professoras Claurênia Silveira e Maria Erenilza Pereira por aceitarem fazer parte da minha banca examinadora.

Aos professores e professoras, que passaram por minha vida e que contribuíram com o meu aprendizado até os dias atuais. Em especial: Adriana Diniz, Alexandre Magno, Ana Luísa Amorim, Esperdito Pedro, Judy Rosas, Maria Azerêdo,

Maria Elizete Guimarães, Maria Erenilza Pereira, Norma Maria Lima e Santuza Mônica de França Pereira da Fonseca.

Aos colegas da turma, pelas vivências que passamos ao longo destes anos, momentos bons e ruins, os avanços e os retrocessos, alguns com mais afinidades outros nem tanto, mas com a certeza de que juntos/as chegaríamos lá, para a obtenção do título de pedagogos/as. Pessoas que de maneira direta ou indiretamente contribuíram com meu aprendizado e conseqüentemente a produção e conclusão deste trabalho.

Por fim, agradeço a todos e todas que mesmo não estando citados aqui contribuíram para que esta conquista fosse alcançada e estão em meu coração.

Muito Obrigada!

Eva Cristina Gonçalves Torres

“A língua é a ferramenta das ferramentas”.

(Lev Vygotsky)

RESUMO

O presente trabalho expõe novas possibilidades com relação à metodologia lúdica para o ensino da língua portuguesa. A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Zulmira de Novais, na cidade de João Pessoa-PB, em uma sala de aula do 1º ano do ensino fundamental, durante um estágio que ocorreu no período de abril a dezembro de 2012. Pretendeu-se mostrar que a ludicidade, ou seja, as atividades aplicadas através de jogos, brinquedos e brincadeiras, quando realizadas de forma planejada e consciente, podem motivar e facilitar a aprendizagem das crianças acerca dos conteúdos estabelecidos em currículos. Aspira-se ainda, apontar a importância dos jogos, dos brinquedos, e das brincadeiras para o desenvolvimento das habilidades emocionais, sociais, culturais, motoras e cognitivas das crianças. A finalidade foi desenvolver nas crianças aprendizagens, habilidades de leitura e de escrita de forma divertida. A metodologia utilizada foi uma pesquisa-ação, de campo, bibliográfica com observação participativa e de cunho qualitativo. Desenvolveu-se durante a pesquisa, dois instrumentos de avaliação para o auxílio da análise do aprendizado e avaliação dos resultados: “diários de bordo” e uma “lista de checagem” a partir de nove atividades aplicadas em sala. Foi possível observar a participação lúdica, o envolvimento, o interesse e principalmente uma aprendizagem significativa em oito das nove atividades aplicadas. Das dezenove crianças que frequentavam a sala de aula dezoito foram alfabetizadas, configurando o ato de ler e escrever, a partir de atividades lúdicas, um possível instrumento de aprendizagem dos conteúdos com resultados significativos. As crianças compreenderam o conteúdo aplicado em sala de aula relacionando com suas vivências.

Palavras-chave: Ludicidade. Leitura. Escrita.

ABSTRACT

This work aims to evidence our opinion related to the ludic methodology on the portuguese language learning. Our research was prepared in Escola Municipal de Ensino Fundamental Zulmira de Novais, during an internship in 2012, based on a elementary school class. Through our experience, we would like to show that, ludicity, representend by learning activities, such as games, toys and well structured educational plays, can motivate, facilitate and favor children learning process. We would also like to show the importance of educational plays and toys for the development of emotional, social, cultural, motor and cognitive skills on children. Our objective was to develop reading and writing skills in a funny way, considering that, reading, writing and previous knowledge are essential conditions. Our research was essentially practice, with participative observation and qualitative nature based on studies of Wallon, Ausubel e Gardner. In order to perform the data analysis, we chose nine activities, which will be presented through a logbook, besides that, we've elaborated another tool – a check list to help us on this work analisys. The research result was positive, the objectives were achieved, because among the nine activities, in eight of them, was possible to observe participation, involvement, motivation, joy, focus and especially a significant learning, where children absorbed the material by making references to their own life experiences. Eighteen from nineteen children reached literacy level. Making the reading and writing act during that year, a success.

Keywords: Ludicity. Reading. Writing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – São João	38
Figura 02 – Ciranda	38
Figura 03 – Massa de modelar	38
Figura 04 – Fantasias	38
Figura 05 – Quebra-cabeça	38
Figura 06 – Mestre	38
Figura 07 – Caderno de atividades	55
Figura 08 – Árvore coletiva	56
Figura 09 – Cartela do bingo	57
Figura 10 – Cartela do bingo	58
Figura 11 – Seu Joaquim	63
Figura 12 – Dona Severina	63
Figura 13 – Lista de compras	63
Figura 14 – Contação de histórias	66
Figura 15 – Máscaras	66
Figura 16 – Cédula de eleição	66
Figura 17 – Urna/votação	67
Figura 18 – Trinca mágica	72
Figura 19 – Batalha de palavras	72
Figura 20 – Bingo da letra inicial	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Atividades desenvolvidas na sala de aula	44
Quadro 02 – Atividades e datas em que foram realizadas	48
Quadro 03 – Lista de checagem	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 LEITURA E ESCRITA AS PRIORIDADES DO ENSINO FUNDAMENTAL	16
2.1 Leitura – Primeiro passo	18
2.2 Escrita – Outro passo	21
2.3 Língua Portuguesa – Todos os passos	23
3 O LÚDICO NA APRENDIZAGEM	26
3.1 Teorias da aprendizagem na ludicidade	28
3.2 Brincar/Jogar - Uma janela para pular	29
4 UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: VAMOS LECIONAR BRINCANDO?	33
4.1 Habilidades de Ensino e Estágio	34
4.2 Brinquedoteca – Laboratório do Lúdico	36
4.3 Vivências Lúdicas – das Características à Epistemologia da Vivência	40
5 OBJETIVOS DA PESQUISA	43
6 PERCURSO METODOLÓGICO	44
7 ANÁLISE DE DADOS: LUDICIDADE - DA ESPONTANEIDADE À DIVERSIDADE DE LINGUAGENS	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	75

1 INTRODUÇÃO

“Brincar desenvolve as habilidades da criança de forma natural, pois brincando aprende a socializar-se com outras crianças, desenvolve a motricidade, a mente, a criatividade, sem cobrança ou medo, mas sim com prazer”.

Nylse Helena da Silva Cunha¹

O ensino é a prática educacional que vai mediar o conhecimento do estudante. E para que essa mediação ocorra se faz necessário o empenho do professor na organização, no planejamento e na aplicação dos conteúdos dos currículos escolares, com o objetivo de garantir a aprendizagem da leitura e da escrita. O professor é o mediador do conhecimento e para tanto é necessário encontrar maneiras para garantir que a aprendizagem seja significativa.

Este trabalho tem como objeto de estudo a ludicidade no ensino de Língua Portuguesa no 1º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Zulmira de Novais, na cidade de João Pessoa-PB. Mediante inúmeras pesquisas realizadas acerca do tema, por que não aplicar uma metodologia lúdica no ensino da Língua Portuguesa para facilitar a aprendizagem dos alunos acerca dos conteúdos estabelecidos em currículos?

As inquietações que vivenciamos durante o estágio de apoio pedagógico, na referida escola, em uma turma de 1º ano, foram algumas das motivações que nos levaram à realização desse trabalho, que a seguir justificamos.

Esse estágio fez parte do Projeto Apoio Pedagógico, que surgiu no ano de 2007, uma parceria entre a Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a qual estimulava os estudantes dos cursos de graduação a contribuírem na prática com o conhecimento absorvido em sala de aula e que, lamentavelmente, no ano de 2013 o projeto foi suprimido.

Enquanto estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba e enquanto estagiária da citada escola, pudemos perceber que normalmente a teoria aplicada para nós em sala de aula não é condizente com a realidade nas escolas públicas da educação básica, principalmente com as crianças

¹ Site: doce-pedagogia.blogspot.com.br, 2014.

do 1º ano. É o momento em que se inicia a vida escolar, é a base. Então, se a criança não desenvolve suas percepções, habilidades e conhecimentos neste período, nos próximos anos ela possivelmente terá mais dificuldades e as complicações serão maiores. Esse parece ser um dos motivos de termos uma educação defazada, a qual os sujeitos vão sendo aprovados ano a ano, sem terem adquirido o mínimo de conhecimento. No caso desses indivíduos, sem serem totalmente alfabetizados.

Diante da situação vivenciada pelas crianças, foi iniciado o estágio da pesquisadora com oficinas, jogos, brincadeiras, estimulando a escrita e a leitura. Assim, adotando as palavras de Freire (1997), em que a leitura da palavra vem após a leitura de mundo e essa depende da forma que conduzimos nosso cotidiano, ou seja, alterando nossa prática dentro da sala de aula, no nosso caso, ministrando o conteúdo de forma lúdica pensada e consciente, foi possível perceber o desenvolvimento, o empenho, o interesse, a alegria e o aprendizado daquelas crianças.

Em 2013, iniciamos um trabalho como bolsista no Centro de Educação (CE) da Universidade Federal da Paraíba, através do projeto Programa de Licenciatura (PROLICEN) que foi desenvolvido na Brinquedoteca, o qual estava intitulado "Brinquedoteca: brincar para aprender". Tivemos a oportunidade de, mais uma vez, comprovar, na prática, que o lúdico é uma excelente metodologia para o ensino-aprendizagem das crianças, que jogos e brincadeiras são importantes, porém, conforme Antunes (2003), não devemos apenas conhecer ou aplicar os jogos, e sim refletir suas regras porque se forem bem trabalhadas formarão as crianças para a vida.

Temos assim como objetivo geral desenvolver nas crianças aprendizagens e habilidades de leitura e de escrita de forma divertida. E como objetivos específicos identificar os códigos da escrita não apenas para que venham decodificar, mas para saber ler as entrelinhas; produzir leitura e escrita para que possam se tornar cidadãos críticos e autônomos; motivar a aprendizagem tornando-a significativa para a vida deles tanto dentro quanto fora do ambiente escolar.

O texto está estruturado em dezoito partes distintas: capa, folha de rosto, folha de aprovação, dedicatória, agradecimentos, epígrafe, resumo em língua vernácula, resumo em língua inglesa, lista de ilustrações, sumário, seis capítulos, considerações finais e referências.

O capítulo 1 é referente à Introdução na qual apresentamos nosso objeto de estudo, o campo onde fora realizada a pesquisa-ação, a justificativa para a escolha da temática, o objetivo geral e os objetivos específicos.

No capítulo 2 - *Leitura e Escrita - as prioridades do ensino fundamental tratamos* da importância do ensino da Língua Portuguesa de forma lúdica, através de jogos e brincadeiras, objetivando a aprendizagem da leitura, da escrita e da oralidade das crianças.

No capítulo 3 - *O Lúdico na aprendizagem* discorremos acerca do possível desenvolvimento das habilidades das crianças através dos jogos, dos brinquedos e das brincadeiras, ou seja, educando pela ludicidade tendo a espontaneidade e a motivação como condição essencial e com embasamento nas teorias de alguns estudiosos e na legislação.

No capítulo 4 - *Uma proposta para o ensino de Língua Portuguesa: vamos lecionar brincando?* Tecemos a importância das oficinas pedagógicas, dos brinquedos e das brincadeiras no processo de ensino-aprendizagem, como também as habilidades de ensino que o professor necessita desenvolver para que as aprendizagens das crianças sejam significativas. Tratamos ainda do espaço Brinquedoteca, através da vivência no Centro de Educação da UFPB e o sentido dessa vivência.

No capítulo 5 - *Percurso Metodológico* descrevemos o caminho percorrido para a realização da pesquisa. O tipo de pesquisa utilizado para o desenvolvimento do trabalho, a pesquisa-ação, o método, a observação participativa e a importância da observação em sala de aula.

No capítulo 6 - *Análise de dados: Ludicidade – da espontaneidade a diversidade de linguagens* fazemos a análise dos dados das atividades que foram aplicadas de forma lúdica para facilitar a aprendizagem da leitura e escrita das crianças. Foram selecionadas nove atividades e iremos apresentá-las em forma de diários de bordo. Também elaboramos uma lista de checagem que utilizamos para facilitar a análise dos diários de bordo.

Nas Considerações Finais foi possível obter um resultado positivo e satisfatório, pois os objetivos da pesquisa, em especial o objetivo geral de desenvolver nas crianças aprendizagens e habilidades de leitura e de escrita de forma divertida, foram alcançados. Das dezenove crianças que frequentaram a sala

de aula, dezoito foram alfabetizadas. A mediação do professor e a espontaneidade das crianças foram essenciais nesse processo.

2 LEITURA E ESCRITA AS PRIORIDADES DO ENSINO FUNDAMENTAL

“A leitura traz ao homem plenitude, o discurso segurança e a escrita exactidão”.

Francis Bacon²

Não é exatamente nesta fase, no primeiro ano do ensino fundamental, que se inicia o processo de leitura e escrita de uma criança, mas é nela que se inicia de forma propriamente dita e, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9394/96, em seu artigo 32 que diz: O ensino fundamental [...] iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade [...]. No período anterior, a criança frequenta a educação infantil a partir dos três anos de idade.

O que estamos querendo dizer é que não é necessário uma criança ter ou estar próxima a completar seis anos de idade para iniciar o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. Quando a criança rabisca qualquer desenho ou letra, ela está brincando e escrevendo e, quando lemos uma história em voz alta para elas, elas também estão brincando e lendo, pois estão acompanhando, prestando atenção, além de estarem sentindo a emoção da história que varia de acordo com o tom da voz do leitor, o que já faz parte da linguagem oral que também está compreendida na competência comunicativa e na própria vivência dela.

A criança quando é estimulada há a possibilidade de chegar antes e talvez com mais chances de desenvolver as habilidades da leitura e da escrita. Afinal, leitura e escrita são prioridades no ensino fundamental. Portanto, o ensino de língua, segundo Travaglia (1996), deve ser **prescritivo**, que possa levar a criança a fazer correções formais da linguagem; **descritivo**, que possa levar a criança a pensar, raciocinar e conhecer a estrutura e funcionamento, forma e função da língua; e **produtivo**, que objetiva que a criança desenvolva a competência comunicativa.

Dessa forma é possível que se desenvolva nas crianças a competência comunicativa, como algo que resulta da interação entre o emissor e o receptor, que alternam seus papéis na troca das mensagens. Além disso, a competência comunicativa implica em mais duas competências: a gramatical e a textual, que exige que haja compreensão, pois sem compreensão, sem essa habilidade cognitiva

² Site: Pensador.uol.com.br, 2014.

não há aprendido. Essa compreensão se efetiva da relação que a criança faz do texto com suas vivências, com a realidade do mundo em que vive.

Independentemente da realidade que vive cada criança, qual é o mundo que elas vivem? O mundo das brincadeiras, do faz-de-conta, da magia, da criação e tudo isso pode ser associado aos ensinamentos de leitura e escrita, ou seja, esses ensinamentos podem ser feitos de forma lúdica, sobre os quais as crianças possam criar, recriar, estruturar, reestruturar e modificar os ensinamentos da leitura, da escrita e da vida.

As atividades de leitura e escrita desenvolvidas de forma lúdica estão repletas de signos e de símbolos que são significativos para o desenvolvimento cognitivo da criança.

[...] a criança sempre se comporta além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade... fornece ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência. A ação na esfera imaginativa, numa situação imaginária, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e motivações volitivas – tudo aparece no brinquedo, que se constitui, assim, no mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar. A criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade de brinquedo. (VYGOTSKY apud MARTINS, 2003, p. 201-202).

É através do brinquedo, da ação de brincar, de criar que as crianças desenvolvem suas habilidades e sua competência comunicativa. Quanto à competência gramatical, de acordo com Travaglia (1997), é a capacidade que todo ser possui de construir uma língua com sequências adequadas e características da língua em questão. E a competência textual é a capacidade de produzir e compreender textos de três maneiras: formativa, ou seja, entendendo se é ou não um texto; transformativa, que é a capacidade de modificar um texto seja reformulando, sintetizando ou mesmo transformando um gênero em outro; e a qualificativa que vai possibilitar a identificação de cada tipo de texto, o gênero textual.

Considerando a tipologia textual é possível discutir a interdisciplinaridade nos estudos da Língua Portuguesa, através de diversos recursos na utilização da linguagem escrita, falada e de imagens, o que vem tornar o ensino-aprendizagem motivador, de forma que a leitura e a escrita tenham sentido e façam parte do dia-a-dia da criança.

2.1 Leitura – Primeiro passo

A leitura no ambiente escolar é um dos grandes desafios a ser enfrentado pelos professores, principalmente os que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental, pois têm a necessidade de fazer com que as crianças leiam corretamente, para que as mesmas possam agir com determinação e segurança na sociedade em que vivem, pois, do contrário, estarão em situações de inferioridade e desigualdade, o que lhes acarretarão grandes prejuízos, além de sofrerem pré-conceitos.

Como uma das prioridades do ensino fundamental espera-se que as crianças leiam de forma que possam compreender e interpretar os mais diversos tipos de textos, que possam adquirir novos conhecimentos, que possam adquirir o hábito pela leitura e dessa forma possam também escrever corretamente. Por isso, a leitura possui extrema importância na vida do ser humano e essa atividade deve ser envolvente.

Para que uma pessoa possa se envolver em uma atividade de leitura, é necessário que sinta que é capaz de ler, de compreender o texto que tem em mãos, tanto de forma autônoma como contando com a ajuda de outros mais experientes que atuam como suporte e recurso. [...] (SOLÉ, 1998, p. 42)

Além da necessidade de sentir essa capacidade de ler, a criança deve ter interesse, que vai depender da maneira que o professor vai estimular essa criança, ou seja, o professor precisa agir de acordo com o interesse das crianças, apoiando-se em suas vivências e procurando sempre inovar. “A leitura e a escrita são procedimentos; seu domínio pressupõe poder ler e escrever de forma convencional. Para ensinar os procedimentos, é preciso “mostrá-los” como condição prévia à sua prática independente. [...]” (SOLÉ, 1998, p. 63).

Esses procedimentos são as regras, os métodos utilizados pelos professores para chegarem aos seus objetivos, através de planejamentos bem elaborados, utilizando a leitura de diversas formas: oralmente, silenciosamente, individual ou coletivamente, e no nosso caso ainda nos utilizamos de algo a mais, o lúdico, para alcançarmos o sucesso no ensino-aprendizagem da leitura e escrita das crianças. O uso de textos para o ensino da língua materna é essencial.

Em sentido amplo, a palavra texto designa um enunciado qualquer, oral ou escrito, longo ou breve, antigo ou moderno. Caracteriza-se, pois, numa cadeia sintagmática de extensão muito variável, podendo circunscrever tanto a um enunciado único ou a uma lexia quanto a um segmento de grandes proporções. (GUIMARÃES apud FONSECA, 2012, p.76).

Segundo Martins (1992) existem três níveis básicos de leitura: leitura sensorial, leitura emocional e leitura racional. A leitura sensorial em que o texto é um objeto, pois é possível, ao manuseá-lo, sentir sua textura, sua forma, seu volume, seu cheiro, sua cor; “A leitura sensorial vai, portanto, dando a conhecer ao leitor o que ele gosta ou não, [...] apenas porque impressiona a vista, o ouvido, o tato, o olfato ou o paladar.” (MARTINS 1992, p.42).

A leitura emocional não é o texto, mas as emoções que ele provoca ao leitor, de alegria ou de tristeza, dependendo do referencial da leitura e da situação em que o leitor se encontra e a leitura racional, na qual o texto tem caráter reflexivo e dinâmico, transformando seu conhecimento prévio em um novo conhecimento, pois o leitor quer mais compreendê-lo. “E ela não é importante por ser racional, mas por aquilo que o seu processo permite, alargando os horizontes de expectativa do leitor e ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social.” (MARTINS 1992, p.66).

Talvez seja muito difícil realizar uma leitura apenas sensorial ou apenas emocional, ou apenas racional, pois nós seres humanos somos sensações, emoções e razões ao mesmo tempo, assim, pois, esses níveis de leitura se interpenetram e se complementam. “O homem lê como em geral vive, num processo permanente de interação entre sensações, emoções e pensamentos”. (MARTINS 1992, p.81).

Ler é uma atividade muito complexa, pois é preciso que o sujeito que lê decodifique os símbolos gráficos grafados no papel e faça uma relação com seus conhecimentos prévios. Segundo Resende (2000), essa relação do que o sujeito já sabe com o “novo” é que determina o processo de leitura que ele vai usar, seja ascendente ou descendente, são processos que se complementam, porém o leitor pode priorizar um ou outro ou mesmo combiná-los.

O leitor usa o processo ascendente quando dá ênfase na informação visual, não dominando a informação, de forma mais sintagmática. Já o leitor que se utiliza do processo descendente é porque já possui um conhecimento prévio, vai fazer associações, levantar hipóteses para vir a confirmá-las ou refutá-las, trabalhando

assim mais ao nível do texto e não do sintagma. Além desses processos é preciso desenvolver estratégias de leitura, que são as ações que o leitor realiza de acordo com o objetivo da leitura, como, por exemplo, ler a bula de um medicamento para tomá-lo de forma correta. “É preciso levar o aluno a usar efetivamente a leitura, a refletir continuamente sobre esse uso e avaliar seu próprio desempenho”. (RESENDE, 2000, p.25).

Para que o professor venha a despertar o gosto pela leitura nas crianças, segundo Sisto (2001), é preciso que fale com entusiasmo de suas leituras, que pense na leitura como uma necessidade pessoal e não só como exigência profissional, ou seja, ele tem que gostar de ler. A contação de histórias é um dos recursos que pode ser utilizado pelo professor para fazer a aproximação da criança com o mundo da leitura. Porém, é preciso saber escolher bons textos, fazer algumas leituras previamente, preparar o ambiente para que fique acolhedor, fazer uma atividade lúdica, utilizar não só a voz, mas o corpo, a emoção, além de um cuidado especial com o ritmo, a entonação e as pausas das palavras. Esse trabalho é lento e gradual, e se deve apostar em diversos tipos de leitura com o intuito de ampliar o leque de interesses das crianças, além de utilizar diversas linguagens como filmes, pinturas, desenhos, músicas e outros portadores textuais.

O Plano Nacional de Educação (PNE 2011/2020) foi elaborado em 2010 e aprovado pela câmara dos deputados em 2012. No que se refere ao processo de alfabetização preconiza algumas diretrizes no art. 2º: I - a erradicação do analfabetismo; III – superação das desigualdades educacionais; IV – melhoria da qualidade de ensino. Para isso, foram traçadas algumas metas, dentre elas a meta 5 que recomenda alfabetizar todas as crianças até, no máximo, os oito anos de idade. Seria realmente maravilhoso se esse plano fosse colocado em prática, mas ainda é uma utopia.

Normalmente o termo alfabetização é assimilado ao domínio dos processos de leitura e escrita, porém, segundo Solé (1998, p. 50), “Estes procedimentos vão muito além de certas técnicas de translação da linguagem oral para a linguagem escrita.” Porque pressupõe o aumento do domínio da linguagem oral e vai repercutir diretamente nos processos cognitivos das tarefas que realizamos como escutar, falar, ler e escrever. Assim propõe a seguinte definição para alfabetização:

[...] O domínio da linguagem falada e da leitura e da escrita [...]. Uma pessoa alfabetizada tem a capacidade de falar, ler e escrever com outra pessoa e a consecução da alfabetização implica aprender a falar, ler e escrever de forma competente. (SOLÉ apud GARTON E PRATT, 1998, p.50).

Neste processo a decodificação é essencial. Ratifica Solé (1998, p.52) “ler não é decodificar, mas para ler é preciso saber decodificar”. É através das linguagens, seja através do código verbal ou não verbal, que ocorre o processo de alfabetização, ou seja, é dominando essas linguagens que as crianças aprendem o processo da leitura e da escrita de forma convencional.

2.2 Escrita – Outro passo

Outro aspecto fundamental que envolve o processo de alfabetização das crianças é a escrita. Nosso código é a língua portuguesa, a linguagem é o uso da língua como meio de comunicação entre as pessoas, que pode ser verbal e não verbal, como também verbal e não verbal ao mesmo tempo. A linguagem verbal utiliza as palavras escrita ou falada para produzir as mensagens, que se apresentam em diversos gêneros, tipos e suportes de textos, os quais utilizamos em diversos contextos e funções. A linguagem não verbal utiliza outros meios para produzir as mensagens como: imagens, desenhos, pintura, dança, símbolos, mímicas e gestos.

Segundo Marcuschi (2008), gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária, são formas textuais escritas ou orais, como por exemplo, carta, bilhete, telefonema etc. São essenciais para que haja a comunicação; tipos textuais são modos textuais que abrangem cerca de cinco categorias: narração, argumentação, exposição, descrição e injunção; suportes são todas e quaisquer superfície física, porém nem todas são convencionais, podendo ser incidentais, ou seja, que podem trazer textos, mas não são destinados a esse fim.

De acordo com Macedo (2001), é possível perceber que neste processo a escrita apresenta diversas funções: serve para a interação social, para registrar informações, como veículos de notícias, como apoio a memória, para usos instrumentais e para o divertimento, em diversos contextos como na escola, na família, no trabalho e em outros espaços que convivemos.

Atualmente as escolas têm como função alfabetizar na perspectiva do letramento. Alterando-se, assim, o sistema de escrita antes apenas como processo de codificação e decodificação, agora com usos e funções específicas, o que vem a tornar-se mais proveitoso e eficaz quando se faz através da ludicidade a partir da necessidade de cada criança.

É a partir das mudanças e transformações sociais em torno do uso e das funções da escrita na sociedade que surge o conceito de 'letramento', para indicar e explicar um fenômeno para além da alfabetização, como o domínio do código da escrita, através do processo de codificação e decodificação. Isto é, surge a necessidade de se fazer uso adequado às mudanças em torno da leitura e da escrita, aprender a encontrar a informação no material escrito e posicionar-se criticamente diante dele. (SOARES apud MACEDO, 2001, p.18).

As falhas no processo da alfabetização, segundo LEMLE (apud LIRA, 2012, p. 22), são: repetições de letras, omissões de letras, a escrita como transição fonética e a troca de letras. Talvez por isso a escrita seja mais complexa do que a leitura devido à tendência que as pessoas possuem de escrever como se fala. O que não deve significar erros, porque escapam das normas convencionais adotadas pelas sociedades, mas são processos histórico-culturais, ou seja, essas relações da língua escrita e falada são características fonético-fonológicas transmitidas de geração em geração.

As crianças precisam praticar a escrita como praticam a fala durante algum tempo até desenvolver um domínio completo. Neste sentido, os professores e a família devem incentivar com elogios, com perguntas pertinentes e com muito carinho, além de realizarem um trabalho sistemático. “A conquista da escrita alfabética não garante ao aluno a possibilidade de compreender e produzir textos em linguagem escrita. Essa aprendizagem exige um trabalho pedagógico sistemático” como é possível verificarmos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997, p.27).

A língua portuguesa se constitui de cinco aspectos essenciais para sua realização. São eles: o morfológico que é a forma da palavra adequada a mensagem que está sendo transmitida; a sintaxe que vai relacionar os vocábulos de forma coerente e com significados; a semântica que são os significados dos vocábulos no momento da produção oral ou grafada; a pragmática na qual os significados mudam

de acordo com a região; e o fonético-fonológico que está relacionado aos sons da produção oral.

Segundo LIMA (apud LIRA, 2012, p.28), os estudos da linguagem se identificam por dois elementos: a língua e a fala. Assim, a fonética se estabelece como a ciência dos sons da fala e a fonologia como a ciência dos sons da língua.

Neste sentido, o professor em sala de aula deve preocupar-se e estar atento não apenas à escrita, mas à oralidade das crianças, respeitando as variedades linguísticas e ensinando as regras gramaticais necessárias para o uso da escrita.

Temos de criar condições para que a sala de aula seja um lugar de interação verbal, aprendizagem, respeito, garantia de direitos, conhecimento participativo e de produção de saberes. (MARTINS e BARBOSA, 2012, p. 126).

Assim sendo, o professor deverá ser o mediador no processo de ensino-aprendizagem das crianças, procurando se utilizar da interdisciplinaridade, trabalhando não apenas a escrita e a leitura, mas a oralidade para a construção do conhecimento.

2.3 Língua Portuguesa – Todos os passos

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento (PNE, 1997, p.11).

A citação acima se refere à educação que deve ser perpassada aos seres humanos, principalmente no tocante ao ensino da Língua Portuguesa, pois leitura e escrita são fundamentais no ensino fundamental, até porque o ensino-aprendizagem das demais disciplinas, como por exemplo, História, Geografia, Ciências, dependem da leitura e da escrita e também podem ser ensinados por meio delas. Entretanto, é na Língua Portuguesa que esse ensino se organiza e se estrutura.

A educação é dever da família e do Estado como consta na LDBEN nº 9.394/96 em seu artigo 2º, portanto o ensino da Língua Portuguesa deve ser realizado em casa e em especial nas escolas, para o exercício da cidadania dos estudantes.

A falta de interesse e de participação familiar tem provocado muito prejuízo às sociedades, pois as crianças não são alfabetizadas ou se tornam analfabetas funcionais, que apenas decodificam os signos e não compreendem seus significados, levando-os ao fracasso escolar.

Para que essa aprendizagem ocorra o professor necessita realizar uma mediação refletida e planejada de forma consciente, utilizando-se das mais diversas metodologias provocando interesse nas crianças. Como também são imprescindíveis o interesse e a participação da família na escola e da criança em sala de aula.

Neste processo o papel da escola é fundamental, no qual o professor poderá realizar uma série de atividades que favoreçam a aproximação da criança com a leitura, que por sua vez, devem ser executadas de forma agradável e estimulante, visto que esta compreensão da leitura é condição efetiva para o bom desempenho da linguagem oral e escrita.

É necessário ainda que a escola possua uma proposta de gestão democrática, com Regimento Escolar e Projeto Político Pedagógico, de acordo com a legislação aplicada no país, estado e município, possibilitando a qualidade do ensino, fortalecendo a autonomia pedagógica e valorizando a participação da comunidade escolar. Portanto, é uma ação de comprometimento da escola ensinar às crianças a ler, interpretar, produzir e reproduzir os textos. Dessa forma, o ensino da Língua Portuguesa tem como objetivo que a criança aprenda a produzir e interpretar textos. Para tal, toda e qualquer palavra deve estar de forma contextualizada.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 33) o ensino de Língua Portuguesa deve se organizar de forma que as crianças sejam capazes de: produzir textos (orais ou escritos) de forma coerentes, coesos e adequados; compreender os textos orais ou escritos; utilizar a linguagem como instrumento de aprendizagem; prevalecer-se da língua para melhorar a qualidade de suas relações pessoais; além de outras competências.

Os conteúdos de Língua Portuguesa estão organizados de forma dialética, a partir do seguinte eixo: Uso – Reflexão – Uso, ou seja, compreende que tanto o ponto inicial, quanto o ponto final é de compreensão e produção de textos, caracterizando um movimento de Ação – Reflexão – Ação, que “aparecem, portanto, como “Prática de leitura”, “Prática de produção de texto” e “Análise e reflexão sobre

a língua””. (PCN, 1997, p. 35). Ao longo dos anos os conteúdos apenas vão variando o grau de aprofundamento e sistematização, estes devem ser organizados de forma que beneficie o ensino-aprendizagem das crianças da melhor maneira possível, como por exemplo, a partir da ludicidade.

Segundo Lira (2012), quatro elementos são fundamentais para o entendimento dos sentidos e significados dos textos, são eles: conhecimento linguístico, que faz com que o leitor reconheça o que foi dito ou escrito; o conhecimento de mundo, que são as vivências que vão influenciar na interpretação do leitor; conhecimento da textualidade, que envolve sete elementos: coesão, coerência, informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade do autor; conhecimento pragmático-contextual, que é o leitor entender os contextos de produção e de recepção dos textos.

A Língua Portuguesa possui uma diversidade de dialetos, que na escola deve ser trabalhado e ensinado que devemos respeitar essa diversidade regional, como também adequá-las as circunstâncias de uso, ou seja, você fala de acordo com sua cultura regional em determinados ambientes e em outros você deverá usar a norma culta da língua. Da mesma forma você agirá em relação à escrita.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, o objetivo da Língua Portuguesa no ensino fundamental é para que as crianças adquiram as competências comunicativas que envolvem as competências gramatical e textual para que possam resolver, acessar e participar das situações de sua vida cotidiana. Para isso, é preciso que tanto os conteúdos quanto a metodologia aplicada estejam em perfeita harmonia. Por nosso público alvo, nesta pesquisa, serem crianças que estão no início desse processo e que gostam mesmo é de brincar, foi que aplicamos a metodologia lúdica.

3 O LÚDICO NA APRENDIZAGEM

“Sem uma infância serena e completa, toda vida posterior fica mutilada”.

Janusz Korczak³

O processo ensino-aprendizagem requer levar em consideração a fase de desenvolvimento na qual o estudante se encontra. Nos anos iniciais do ensino fundamental é quando se solidifica a educação de um indivíduo e não há melhor maneira de fazê-la, se não pela ludicidade, por meio dos jogos e de brincadeiras, em que o educador tem a possibilidade de expor o conteúdo necessário e socializar conhecimentos com mais facilidade. Do outro lado, a criança tem a oportunidade de aprender da melhor forma possível, ou seja, aprendendo por meio do brincar, com prazer e dinamismo.

Segundo o método clínico de PIAGET (apud MACEDO, 1994, p. 104-109), as crianças apresentam cinco reações diante das atividades propostas em sala de aula. São elas: não-importismo, fabulação, crença sugerida, crença desencadeada e crença espontânea. Não-Importismo, que se refere à aversão da criança a aprendizagem, causando-lhe o afastamento dos estudos, ou seja, quando a criança sente alguma dificuldade, simplesmente desiste, fazendo qualquer coisa de qualquer jeito. É uma reação que deve ser revista e avaliada pelo professor, em busca de uma solução; Fabulação é a reação em que a criança responde inventando uma história, mas ainda não responde o que foi questionado. É considerada mais importante que a anterior para aprendizagem; Crença sugerida é quando a criança responde para agradar ao mediador, ou seja, ela não refletiu sobre sua resposta, ela é induzida a dar aquela resposta e não é considerada uma resposta que indique a aprendizagem da criança; Crença desencadeada é quando a criança responde de forma sistematizada através da ajuda do mediador e é considerada uma das duas reações mais relevantes para a aprendizagem; Crença espontânea é quando a criança responde de imediato, sem necessidade de raciocinar, porque a questão não é nova para ela, já está formulada e assim desencadeará suas habilidades para ser e agir no mundo.

Na crença espontânea a naturalidade existente nas crianças, as presentes características de serem espertas e observantes caracterizam a referida reação pela

³ Site: chabad.org.br, 2014.

espontaneidade já existente e desenvolvida. O universo da criança é mágico, repleto de fantasias, de emoções, de imaginações e nada melhor para estimular essas ideias do que os jogos e as brincadeiras. Por isso o lúdico passou a ser necessidade básica da criança, já que é espontâneo, motivador e eficiente, provocando o desenvolvimento de suas habilidades. Neste processo de ensino-aprendizagem a espontaneidade é condição essencial.

A espontaneidade é um momento de liberdade pessoal quando estamos frente a frente com a realidade e a vemos, a exploramos e agimos em conformidade com ela. [...] É o momento de descoberta, de experiência, de expressão criativa. (SPOLIN, 2005).

Motivação é algo que leva o ser a agir por vontade própria, desperta o interesse e a curiosidade, aguça a imaginação e o desejo de querer saber. Assim sendo a motivação é fundamental para o ensino-aprendizagem das crianças. Em nosso caso, o lúdico foi o método aplicado em sala de aula e a motivação ideal para uma aprendizagem significativa. O que é possível corroborar com a citação a seguir:

Quando na classe há espaço para o lúdico as situações de ensino-aprendizagem tanto no aspecto cognitivo, psicomotor e afetivo passam a ser vistas como algo prazeroso, nunca como imposição aborrecida e autoritária; como ato agradável e apaixonado; como recriação ativa e jamais como simples memorização de conhecimentos prontos e acabados. (SORÍN apud PEREIRA, 2003, p. 88).

Podemos dizer que a alegria, a paz, a espontaneidade, a simplicidade são sinônimos de brincadeiras. A Associação Brasileira pelo Direito de Brincar (IPA Brasil) defende o brincar em todas as suas formas. As atividades lúdicas devem ser encaradas como um meio, um direito e um dever. Como meio, por desenvolver habilidades sociais, culturais, emocionais, cognitivas na criança; como direito, por estar estabelecido no art. 31 da Convenção sobre os Direitos da Criança que: *“reconhecem o direito da criança ao descanso e ao lazer, ao divertimento e às atividades recreativas próprias da idade, bem como à livre participação na vida cultural e artística.”* Como dever, porque nós adultos na qualidade de professor ou responsável pelas crianças temos que promover uma qualidade de vida saudável para as mesmas.

3.1 Teorias da aprendizagem na ludicidade

Para que ocorram as aprendizagens é preciso que o mediador considere a interação com crianças da mesma idade e com idade diversas, os conhecimentos prévios das mesmas, a individualidade e a diversidade, o grau de desafio das atividades e os fatos que devem ser significativos, a resolução de problemas como forma de aprendizagem.

Nesse sentido, as brincadeiras e jogos possibilitam às crianças o desenvolvimento da percepção, do reflexo, da criatividade e principalmente das emoções, que, para WALLON (apud SANTOS, 2003, p. 30-32), têm papel preponderante no desenvolvimento do indivíduo. Sua teoria pedagógica está baseada em quatro elementos imbricados: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa.

A proposta de Wallon coloca o desenvolvimento intelectual dentro de uma cultura mais humanizada, considerando o indivíduo como um todo. Para Wallon, a construção do eu depende do outro, seja como referência, seja como recusa. Dessa forma, critica os modelos tradicionais de educação, que ponderam que brincar é perda de tempo.

Wallon dá muita ênfase à emoção, defendendo que o desenvolvimento psíquico se constrói com a relação do ambiente, ou seja, parte da totalidade para a individualidade e da individualidade para a totalidade, num movimento de vai e volta. Esse movimento é importante, pois além de fazer parte do aprendizado é, para Wallon, o próprio ser, ou seja, a pessoa, já que considera que nela haja movimento, inteligência e emoção.

Novisky (2013), ao se referir a Janusz Korczak, pseudônimo de Henryk Goldszhmit, um polonês do século XIX, afirma que o mesmo “[...] rompeu com a pedagogia fundada sobre uma suposta superioridade do adulto em relação à criança, fundada sobre o fato de que o adulto pode mandar e a criança tem que obedecer.[...]” em sua teoria e prática.

Korczak escreveu várias obras sobre seus ideais para educação, compreendia e amava as crianças de maneira excepcional. Uma de suas obras: *O direito da criança ao respeito* (1929) foi a base adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU), trinta anos depois, para a formulação da declaração dos direitos das crianças, como parâmetro de atuação mundial para a infância.

Na Declaração Universal dos Direitos da Criança, brincar é um direito reconhecido como consta no seu princípio VII: “*A criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras, os quais deverão estar dirigidos para educação; a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício deste direito*”.

Assim sendo, as situações lúdicas tornam-se indispensáveis para os seres humanos, de forma especial para as crianças, pois irão motivar aprendizagens significativas que, para Ausubel, ocorre na dimensão recepção-descoberta, ou seja, no conhecimento prévio que a criança já possui e na ordenação, estruturação e reflexão dos conteúdos que cognitivamente assimila. É possível perceber que o fator mais importante para Ausubel é o que a criança já sabe. Ratifiquemos na citação a seguir:

Se eu tivesse que reduzir toda a psicologia educacional a um único princípio, diria isto: o fato isolado mais importante que informação na aprendizagem é aquilo que o aprendiz já conhece. Descubra o que ele sabe e baseie nisso os seus ensinamentos. (AUSUBEL apud TORRES, 2013, p. 26).

É possível articular a teoria de Ausubel em que considera como fator mais importante aquilo o que a criança já sabe com a teoria de Piaget, pois para Piaget a crença espontânea é a reação mais genuína da criança e a mais importante para a aprendizagem. Assim sendo, os jogos e as brincadeiras, com sentido educativo e planejado, possibilitarão a construção do conhecimento de maneira divertida.

3.2 Brincar/Jogar - Uma janela para pular

Não é de hoje que o ser humano vê o lúdico (brincar, jogar) como meio de extrema importância na e para a educação das crianças. Porém, apesar do significado do termo lúdico ser **jogo, divertimento**, advindo da palavra grega *ludus* (**brincar**), o jogo deve ser levado a sério, de forma que agrade e envolva a criança para que venha a ter valor pedagógico, educativo, possibilitando a interação social e a construção do conhecimento. “Tudo o que é sério, pouco nos importe, o grave pouco pese, o natural impulso dos instintos que ceda ao inútil gozo de jogar um bom jogo.” (FERNANDO PESSOA, apud SANTOS, 1998, p.57)

A palavra jogo no sentido popular é tida como sinônimo de competição, isso devido às regras que são impostas, no entanto, do ponto de vista educacional, seu significado, de maneira mais ampla, seria **divertimento**, **brincadeira**, visando ao crescimento e à aprendizagem das crianças. “[...] Jogos bem organizados ajudam a criança a construir novas descobertas, a desenvolver e enriquecer sua personalidade e é jogando que se aprende a extrair da vida o que a vida tem de essencial. [...]” (ANTUNES, 2003, p.11)

O mediador deverá pensar e planejar os jogos para suas aulas lúdicas no sentido de divertimento, de brincadeira, visando à aprendizagem das crianças e não à competição das mesmas, de maneira que haja uma reflexão acerca de suas regras, do que é e do que não é aceitável.

Importante não é apenas conhecer jogos e aplicá-los, mas essencialmente refletir sobre suas regras e, ao explicitá-las, delas fazer ferramenta de afeto, instrumento de ternura, processo de realização do eu pela efetiva descoberta do outro. Um verdadeiro educador não entende as regras de um jogo apenas como elementos que o tornam possível, mas como verdadeira lição de ética e moral que, se bem trabalhadas, ensinarão a viver, transformarão e, portanto, efetivamente educarão. (ANTUNES 2003, p.13)

Para que esse desenvolvimento seja significativo, os mediadores devem se esforçar para trabalhar o educar, o cuidar e o brincar de forma indissociável do cotidiano das crianças, considerando e respeitando as especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada uma delas.

Assim como os mediadores devem ensinar as crianças a refletirem sobre as regras dos jogos, devem ensinar também as crianças a falar e não a dizer, apesar dessas duas palavras serem sinônimas no dicionário. No sentido de proposta educacional elas são diferentes. Conforme Antunes (2003), quem **diz** apenas transmite uma informação e quem **fala**, além de transmitir a informação, desafia o conteúdo, interroga e investiga, o que é essencial para que possam expressar sua oralidade.

O discurso vazio, a oratória inútil, o palavreado que a nada leva, sintetiza-se no significado do “dizer”, mas a reflexão que faz pensar, a frase que abre sonhos, a metáfora que invade a poesia expressa a grandeza da fábula e, portanto, a magia do falar. (ANTUNES, 2003, p.51)

Para exemplificar, podemos nos utilizar de uma frase: “Leão bicho feroz” e do poema “O bicho” de Manuel Bandeira. Quando **digo ou ouço** a frase “Leão bicho

feroz”, penso no máximo no animal, mamífero, selvagem, ou seja, estarei transmitindo ou ouvindo uma informação e quando **falo ou escuto** o poema “O bicho” de Manuel Bandeira, *“Vi ontem um bicho / Na imundície do pátio / Catando comida entre os detritos. / Quando achava alguma coisa, / Não examinava nem cheirava: / Engolia com voracidade. / O bicho não era um cão, / Não era um gato, / Não era um rato. / O bicho, meu Deus, / era um homem”* vai muito mais além do que apenas transmitir uma informação, pois nos levará a investigar, interrogar, refletir para compreender o significado destes versos que tocam profundamente nossa alma, nos levando a refletir sobre a difícil condição humana.

Da mesma forma, os mediadores devem ensinar as crianças a **ver** e não simplesmente **olhar**, pois da mesma forma que **dizer** e **falar**, **ver** e **olhar** no dicionário são sinônimos, mas no ponto de vista educacional não, olhar é contemplar e ver é olhar com veemência dando significado ao que a vista percebe, ou seja olhar é biológico e ver é algo que se aprende. Uma pessoa cega, por exemplo, não pode olhar, mas pode ver. Como também ouvir e escutar, em que escutar é captar os sons e ouvir vai além do captar, vai dar sentido a esses sons.

Aprender a ver é viver, é aprender a pensar. [...] O que essencialmente difere o homem de todos os seres é a capacidade de reconstruir “seu mundo” e também o próprio mundo com a sensibilidade de seu olhar repleto de empatia, adocicado pela sensibilidade e pela emoção. (ANTUNES, 2003, p. 76)

Os jogos devem estimular as múltiplas inteligências, que segundo Gardner (1997), formam um conjunto das habilidades humanas. Para ele, possuímos diversos potenciais e temos capacidade de desenvolver todas as inteligências, considerando a carga genética e o meio no qual estamos inseridos. Em entrevista a Nova Escola (1997), Gardner defende que o ser humano é dotado de sete diferentes capacidades e estuda mais duas, entretanto atualmente, são dez as diferentes capacidades arroladas por ele.

Essas inteligências defendidas pelo psicólogo podem ser estimuladas a partir dos brinquedos, dos jogos, das brincadeiras, seja dando ênfase em uma delas ou imbricando todas. São elas: a lógico-matemática que está diretamente ligada à capacidade de realizar operações matemáticas; a linguística, que possui capacidade de se expressar pelo código da linguagem verbal, a qual se utiliza da palavra grafada ou oralizada; a espacial, que utilizamos para nos orientar, direcionar; a

corporal-cenestésica, que é a capacidade de expressar-se através dos movimentos corporais e da agilidade de manipular objetos; a interpessoal, que é a capacidade de relacionar-se bem com as outras pessoas; a intrapessoal, ou seja, a capacidade de administrar seus próprios sentimentos; a musical, que é a capacidade de expressar-se por meio dos sons; a naturalista, que é a sensibilidade para organizar e compreender toda a variedade da fauna, flora e seus componentes; a pictórica, habilidade de expressar ideias por meio de desenhos; e por fim, a existencialista, a capacidade de refletir e ponderar sobre as questões fundamentais da existência.

Logo, proporcionar as crianças atividades que estimulem as múltiplas inteligências constatadas na teoria de Gardner, principalmente àquelas em que elas mais se destacam, desenvolverá a capacidade e habilidade de administrar suas emoções e os saberes diversos, produzindo um equilíbrio interno que se reflete em uma eficaz capacidade de lidar com situações antagônicas, solucionando problemas e vencendo obstáculos, enaltecendo assim a beleza do processo de humanização e enriquecendo o processo de construção do conhecimento. Neste sentido, podemos falar que lecionar Língua Portuguesa através dos jogos e brincadeiras, não só irá estimular as múltiplas inteligências nas crianças como também será divertido e prazeroso. Diversão e prazer, elementos essenciais para a formação do ser humano.

4 UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: VAMOS LECIONAR BRINCANDO?

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.

Cora Coralina⁴

A proposta da pesquisadora é ensinar a disciplina Língua Portuguesa através da ludicidade, de modo que a aprendizagem das crianças seja significativa. De acordo com a teoria de Ausubel, esperamos que um material, ou seja, um jogo, um brinquedo, uma brincadeira possa se relacionar com as ideias subsunçoras da estrutura cognitiva da criança de forma substantiva, do novo conteúdo àquilo que a criança já conhece, evitando a aprendizagem mecânica. Para AUSUBEL (apud NETO, 2006, p.02) “a aprendizagem significativa é a responsável pela construção do conhecimento”.

A ludicidade pode ser aplicada através de oficinas pedagógicas que, de acordo com Ferreira, foi Freinet quem propôs transformar a sala de aula em uma oficina pedagógica, um espaço de reflexão, de criação, onde o processo de aprendizagem é centrado na criança e em seus interesses. Sendo assim:

A Oficina Pedagógica cria um contexto em que as situações de aprendizagem são claras, precisas e diversificadas, de forma que os alunos aprendam a partir de seus itinerários de apropriação dos saberes e desenvolvimento de suas capacidades. (FERREIRA, 2001, p. 10)

A oficina pedagógica caracteriza-se pela participação de cada sujeito envolvido e na execução de uma tarefa coletiva, na qual são destacados três momentos: o momento motivador que impulsiona a criança a agir espontaneamente; o momento de sistematização, que possibilita atingir a interação social entre mediadores, crianças e recursos didáticos; e o momento avaliativo que não se trata de um julgamento e sim de um auxílio para o mediador e para as crianças.

As histórias e os brinquedos fazem parte do mundo infantil, porém o desenvolvimento contemporâneo tem causado um impacto muito grande na vida das crianças, devido à industrialização dos brinquedos e ao poderio econômico alimentado pelo consumismo.

⁴ Site: Pensador.uol.com.br, 2014.

Sendo assim, onde vão parar as bonecas de pano, as bolas de meias, os carros feitos com latas, com garrafas de plástico, com carretéis de linha, os animais feitos com frutas e palitos, pular corda, empinar pipa, bola de gude, adedonha, esconde-esconde, boca de forno, academia, cantigas de roda, peteca, corridas de saco, dança das cadeiras, pião, resta um, dama, xadrez, tabuleiro, baralho, dominó, entre outras brincadeiras? Estão perdendo espaço para os brinquedos feitos em massa e para os jogos eletrônicos com cada vez mais tecnologia. (TORRES, 2013, p.22)

Diante disso, as oficinas pedagógicas podem vir a assumir esta lacuna, propondo às crianças a construção de seus próprios brinquedos. É possível transformar a sala de aula em “um ambiente acolhedor, favorecendo vivências integradoras, que estimulem a curiosidade, inventividade, sensorialidade, sensibilidade e criticidade” (PIERRE, 2013, p.72). Assim, instigando a prática da construção dos brinquedos com as crianças, estaremos estimulando a vivência cultural, a serem ecologicamente corretos por estarem reciclando os mais variados materiais, valorizando o trabalho manual e intelectual.

Construir seu próprio brinquedo e brincar diz respeito a colocar-se na cadeia da cultura. É fazer-se parte das construções do mundo humano; é constituir-se como continuador da tradição, como partícipe da experiência humana do brincar no mundo. (PIERRE, 2013, p.74)

Logo, as ações praticadas nas oficinas pedagógicas encontram-se implicadas e imbricadas na criança que realiza a ação; no objeto de atuação, no qual é exercida a ação da criança; na motivação que determina a ação da criança; nos objetivos que a criança almeja alcançar e nos procedimentos que a criança utilizará para alcançar seus objetivos. Permitindo assim, três momentos de grande importância para o aprendizado das crianças: o momento motivador, o momento sistematizador e o momento avaliativo.

4.1 Habilidades de Ensino e Estágio

Essas atividades lúdicas realizadas em grupo proporcionam muitas vantagens às crianças: permitem a participação do processo ensino-aprendizagem e a organização de regras; integram as dimensões afetivas, cognitivas, motoras e sociais; estimulam a concentração e a criatividade; desenvolvem os valores sociais

como: respeito, cooperação e honestidade; a arte de fazer arte; além de muitas outras vantagens.

Para que seja possível realizar essas atividades pedagógicas, diante de tantas situações e conflitos que ocorrem diariamente no ambiente escolar, os professores/mediadores necessitam desenvolver competências, ou seja, habilidades de ensino, que, segundo Carvalho (apud CARVALHO, 2006), são várias. Porém, seis se destacam: habilidades de olhar para a criança, habilidade de introdução, habilidade de variação, habilidade de questionamento, habilidade de reforço e habilidade de ilustrar com exemplos.

Habilidade de olhar para a criança, ou seja, de ver a criança em sua essência, entendendo o que acontece com ela através de suas expressões, do seu comportamento, sendo esta habilidade, talvez, a mais importante, pois é essencial para que as outras tenham sentido, porque, conforme Antunes (2003), o professor necessita ver a criança com acuidade para poder dar um significado ao que sua vista percebe e, assim, identificar as dificuldades e habilidades das crianças para poder agir de forma coerente perante as outras habilidades.

Habilidade de introdução é como o professor/mediador inicia a aula, a oficina, a atividade, deve ser ganhando a atenção das crianças e motivando-as; habilidade de variação se refere a oferecer às crianças nos momentos das atividades pedagógicas, muitos estímulos através de movimentos, gestos, velocidade e entonação da voz; habilidade de questionamento é a maneira que o professor/mediador questiona as crianças, nas quais as perguntas devem ser esclarecedoras e estimuladoras e nunca perguntas sem sentido ou de maneira que possa a vir causar constrangimento às crianças; habilidade de reforço refere-se a elogiar e ouvir as crianças; habilidade de ilustrar com exemplos o que se quer ensinar com o dia-a-dia das crianças. Estas habilidades só terão significado se o professor/mediado tiver desenvolvido a habilidade de ver a criança para compreender seus anseios e suas dificuldades. Um aluno realmente aprende quando tem condições de discutir suas idéias, de compará-las com outras, isto é, de “agir intelectualmente” sem precisar acertar o que o professor fala. (CARVALHO,1987, p.59)

Essas habilidades de ensino podem muito bem ser treinadas no estágio. No caso da pesquisadora, dois ambientes em que este fato se sobreveio: o estágio durante o período de abril a dezembro de 2012, na Escola Municipal Zulmira de

Novais e na Brinquedoteca, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, durante o período de maio a dezembro de 2013, pelo projeto PROLICEN, o qual assumiu na qualidade de bolsista, o que só veio a contribuir e somar para as vivências da pesquisadora.

O estágio é a parte prática dos cursos de formação profissional e que normalmente vai ao encontro da teoria. Segundo Pimenta e Lima (2011), o estágio deixa de ser a atividade prática para ser a teórica instrumentalizadora da práxis. É uma nova concepção que caminha para a reflexão da realidade, no sentido de que irão permitir a ampliação e análise dos contextos nos campos de estágios, além de desenvolver postura e habilidades de pesquisadores nos estagiários a partir de situações observadas, permitindo a compreensão e problematização dos mesmos.

O profissional que valoriza sua prática como momento de construção de conhecimento por meio da reflexão, análise e problematização dessa prática é o professor reflexivo/pesquisador. Neste sentido, a teoria vai possibilitar vários pontos de vista sobre a ação contextualizada, para a compreensão dos contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si mesmos como profissionais. Teoria e prática vão se articular de forma que esse processo possibilite a atividade de pesquisa.

Nessa perspectiva do professor reflexivo/pesquisador, quando se refere ao estagiário, é possível observar alguns riscos, como a supervalorização do profissional como indivíduo, apontando riscos de um possível “praticismo” do qual bastaria a prática para construção do saber docente; um possível “individualismo”, fruto de uma reflexão em torno de si próprio, uma possível hegemonia autoritária, se considerado que a reflexão é suficiente para a resolução dos problemas da prática, além de um possível modismo que pode levar à banalização da perspectiva da reflexão e da pesquisa.

4.2 Brinquedoteca – laboratório lúdico

Segundo Cunha (apud BALLAMINUT, 1992), a brinquedoteca é um espaço preparado para estimular a criança a brincar, dando-lhe acesso a uma grande variedade de brinquedos e brincadeiras dentro de um ambiente lúdico preparado especialmente para elas. É um lugar onde tudo se torna convidativo a sua vivência,

seja a exploração do novo ou do velho, o sentir das emoções, das texturas, das cores, das formas, o conhecer e o envolver. Uma definição para o termo:

Brinquedoteca é um espaço criado para favorecer o brincar. Como um local de descobertas, estimulação e criatividade, independente do tipo, objetiva a resgatar o lúdico e a ludicidade infantil. É um espaço criado para proporcionar estímulos para que a criança brinque livremente. (MORAIS apud BALLAMINUT, 1999, p. 31).

A Brinquedoteca do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba é um espaço destinado aos filhos e/ou filhas dos estudantes dos mais variados cursos noturnos da instituição. O projeto intitulado “Brinquedoteca: brincar para aprender” realizou-se durante o período de 13 de maio a 13 de dezembro do ano de 2013, com trinta e nove crianças com idades entre dois e doze anos.

A brinquedoteca do Centro de Educação possui um espaço físico amplo, climatizado, com três estantes, nas quais são colocados diversos brinquedos (bonecas, carros, jogos da memória, quebra cabeças, utensílios e móveis domésticos, ferramentas, entre outros); cinco armários, em que são guardados diversos materiais (lápiz de cor, lápis grafite, papel ofício, cartolina, cola, tinta, massa de modelar, emborrachados, produtos de higiene, mais jogos, brinquedos, fantasias, entre outros); uma estante com livros de histórias e gibis (o cantinho da leitura); duas mesas de madeira com quatro cadeiras cada uma no tamanho adequado às crianças; uma parede com espelho; um computador; um *micro system*; uma televisão e um aparelho DVD.

A decoração é feita de acordo com a época, ou seja, de acordo com as festividades e com exposições das atividades realizadas pelas crianças. As atividades são diversas, estimulam a imaginação e a criatividade das crianças (contação e construção de histórias, construção de jogos e brinquedos, teatro...), estimulam o cognitivo (jogos de encaixe, quebra-cabeça, adivinhas, cruzadinhas...), estimulam a motricidade (pular corda, amarelinha, bambolê, boliche...), e estimulam o sociocultural (pião, ciranda, teatro com fantoches...).

As atividades eram elaboradas e executadas de forma planejada, procurávamos seguir uma rotina, porém era bastante flexível. No primeiro horário realizávamos as atividades planejadas, em seguida um lanche coletivo e após atividades variadas, mais livres até a chegada dos pais. Seguem algumas imagens de alguns momentos na brinquedoteca:



Figura 01- São João

Fonte: TORRES, Eva Cristina Gonçalves. Arquivo pessoal, 2013



Figura 02 - Ciranda



Figura 03 – Massa de modelar

Fonte: TORRES, Eva Cristina Gonçalves. Arquivo pessoal, 2013



Figura 04 – Fantasias



Figura 05 – Quebra-cabeça

Fonte: TORRES, Eva Cristina Gonçalves. Arquivo pessoal, 2013



Figura 06 - Mestre

Por se tratar de um espaço que recebe crianças de idades variadas, mas principalmente crianças pequenas, na faixa etária concernente à Educação Infantil, não se pode deixar de considerar as funções de educar e cuidar e oferecer às crianças condições para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras. Como preconiza o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998),

as aprendizagens ocorrem de maneira integrada no processo de desenvolvimento infantil. Neste documento o educar significa:

[...] propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (RCNEI, 1998, p. 23).

Por outro lado, contemplar o cuidar na Educação Infantil significa compreendê-lo como parte integrante da educação, o que pressupõe valorizar e desenvolver capacidades. Neste sentido, o cuidado considera as necessidades das crianças e isso exige conhecimentos e habilidades que extrapolam a dimensão pedagógica. Conforme o RCNEI (1998, p. 24), “o cuidado é um ato em relação ao outro e a si próprio que possui uma dimensão expressiva e implica em procedimentos específicos”. O cuidado para TORO (apud GÓIS, 2002, p. 82) se dá a partir do movimento. Quando uma criança é bem cuidada é porque se movimenta bem, se alimenta bem, dorme bem, está protegida pelos adultos, com o fim de garantir sua sobrevivência. Esta proteção está ligada à linha da afetividade para transformar-se nos sentimentos de carinho e, na experiência evolutiva, chega ao altruísmo. O brincar apresenta-se como imprescindível para que a criança exerça sua capacidade de criar. Desse modo, o educar, o cuidar e o brincar são elementos indissociáveis no trabalho de uma Brinquedoteca.

O projeto foi e é de extrema acuidade para as crianças que tiveram a possibilidade de desenvolver habilidades através de brincadeiras e jogos pedagógicos, num local preparado especialmente para elas; para os pais que puderam estudar e assistir às aulas de forma tranquila, tendo a certeza de que seus/suas filhos/as estavam muito bem assistidos; para os estudantes bolsistas ou estagiários, por proporcionar uma vivência da teoria estudada e conseqüentemente enriquecer seus conhecimentos e currículos acadêmicos; para os professores, por também enriquecerem seus currículos e ampliarem seus conhecimentos e para instituição, por conseguir melhorar os cursos de licenciatura.

Toda essa experiência é uma vivência devido o momento vivido, que conduz todos os envolvidos neste processo ao conhecimento, ao diálogo, ao amor, à vida,

principalmente as crianças que são bastante cenestésicas e vivem cada momento intensamente.

4.3 Vivências lúdicas – das Características à Epistemologia da Vivência

O sentido de vivência foi investigado pela primeira vez pelo filósofo alemão Wilhelm Dilthey, que o definiu segundo Toro (2005), da seguinte forma: “algo revelado no complexo psíquico dado na experiência interna de um modo de existir a realidade para um indivíduo”, ou seja, o momento vivido.

Na teoria da Biodanza, Toro (2005), aprofunda o conceito de vivência redefinindo-o da seguinte forma:

O conceito de vivência como a experiência vivida com grande intensidade por um indivíduo no momento presente, que envolve a cenestesia, as funções viscerais e emocionais. A vivência confere à experiência subjetiva a palpante qualidade existencial de viver o “aqui e agora”. Defini as características essenciais da *vivência* e estruturei uma metodologia precisa para induzir vivências à integração e ao desenvolvimento humano mediante a estimulação da função arcaica de conexão com a vida, já que a vivência é a expressão psíquica imediata desta função. (TORO, 2005, p.30)

Biodanza com a grafia na letra z é a forma registrada por Rolando Toro antropólogo, psicólogo chileno, criador desse sistema. Por isso, preservada a grafia assim neste trabalho.

Sendo assim, os fenômenos da aprendizagem na Biodanza, ocorre em três níveis: o cognitivo que envolve vários fatores como o pensamento, a linguagem, a percepção, a memória e o raciocínio; o vivencial que envolve o amor, a cultura, os hábitos, os costumes; e o visceral que envolve o que está entranhado, ou seja, o eu.

De acordo com a definição de vivência dada pela Biodanza, parece ser cabível afirmar que a ludicidade em sala de aula é bastante própria:

A biodanza é um sistema de integração humana, de renovação orgânica, de reeducação afetiva e de reaprendizagem das funções originais da vida. A sua metodologia consiste em induzir vivências integradoras por meio da música, do canto, do movimento e de situações de encontro em grupo. (TORO, 2005, p.33)

A vivência é focada de duas maneiras: a epistemológica que leva ao se fazer conhecer, considerada de forma mais reduzida e a ontológica que trata da vivência

mesma do ser e é considerada de forma mais ampla, totalizadora, e ambas são necessárias à relação do ser humano com o mundo. Totalizadora no sentido de sentir-se vivo, no momento o que se vive é tudo, não havendo mais nada, de acordo com ALMEIDA (apud GÓIS, 2002, p. 69).

Buscar conhecer a vivência, ou fazê-la conhecida, é parcializá-la, é distanciar-se dela mesma, é reduzi-la dentro dela, despojar-se de sua intimidade e inteireza. A vivência não se encontra subordinada à consciência, mas esta se encontra enraizada nela. (GÓIS, 2002, p. 70).

Dessa forma, o corpo apresenta uma reflexividade em relação ao que é próprio da consciência e uma visibilidade em relação ao que é próprio do objeto, objeto de nós mesmos, quando nos conscientizamos de algo em nós concomitantemente.

Segundo Luckesi (2005), ludicidade são experiências de plenitude, ou seja, qualquer atividade em que haja envolvimento por inteiro, que não permita divisões, o corpo necessita estar em total harmonia. Para que uma atividade seja lúdica não é necessário que seja um jogo ou uma brincadeira, para ser lúdica precisa sim que seja um fenômeno interno do sujeito. Portanto, na dimensão do eu, ludicidade são as vivências em suas ações.

Brincar, jogar, agir ludicamente, exige uma entrega total do ser humano, corpo e mente, ao mesmo tempo. A atividade lúdica não admite divisão; e, as próprias atividades lúdicas, por si mesmas, nos conduzem para esse estado de consciência. Se estivermos num salão de dança e estivermos verdadeiramente dançando, não haverá lugar para outra coisa a não ser para o prazer e a alegria do movimento ritmado, harmônico e gracioso do corpo. Contudo, se estivermos num salão de dança, fazendo de conta que estamos dançando, mas de fato, estamos observando, com o olhar crítico e julgativo, como os outros dançam, com certeza, não estaremos vivenciando ludicamente esse momento (LUCKESI, 2005, p.2).

As vivências em relação a biodanza pode ser desintegradora. Nessa, o ser adocece por inteiro ou integradora, o ser evolui por inteiro.

[...] As vivências constituem a expressão originária do que existe de mais íntimo em nós mesmos, anterior a toda a elaboração simbólica e racional. [...] A consciência tem a função de registrar e resolver os problemas com o mundo externo, porém não a de dirigir as vivências. [...] (TORO apud GÓIS, 2002, p. 73-74).

Toro propõe cinco linhas de vivências: linha da vitalidade é a potência e coragem de viver; linha da sexualidade é a sensualidade e o prazer para a

reprodução e perpetuação da espécie; linha da criatividade é a ação de transformar a si e ao mundo simultaneamente; linha da afetividade é a proteção, é o caminho pelo qual a sociedade é construída de forma democrática e amorosa; e a linha da transcendência é a capacidade de aprofundar-se na vivência em sua totalidade de forma harmoniosa. (TORO apud GÓIS, 2002, p. 88-92).

No tocante à vivência, a mesma apresenta várias características, são elas: anterioridade à consciência, a conscientização da vivência pode vir imediatamente ou momentos depois; espontaneidade, a vivência é automática não está sob a influência da consciência; subjetividade, a vivência se manifesta a partir da identidade de como cada indivíduo a interpreta; intensidade variável, ou seja, a medida que diminui a atividade de controle da consciência, aumenta a intensidade da vivência; temporalidade, a vivência é passageira se manifesta no momento presente; emocionalidade, a vivência dá origem as emoções; dimensão cenestésica, a vivência é acompanhada por sensações que envolve todo o corpo; dimensão ontológica, conexão íntima ligada ao ser e à percepção de estar vivo; dimensão psicossomática, elevação do grau de saúde e de vitalidade.

As vivências vão nos possibilitando maior ou menor integração de nós mesmos – a depender das relações intra e interpessoais que vamos tendo ao longo da vida. Por vezes, escolhemos relações afetivas, neutras ou tóxicas. Como exemplo de relação afetiva, a pesquisadora do presente trabalho pode ilustrar a interação com o ambiente de pesquisa, que irá ser pormenorizado no próximo capítulo.

5 OBJETIVOS DA PESQUISA:

GERAL:

Desenvolver nas crianças aprendizagens e habilidades de leitura e de escrita, de forma divertida.

ESPECÍFICOS:

Identificar os códigos da escrita não apenas para que venham decodificar, mas para saber ler as entrelinhas;

Produzir leitura e escrita para que possam se tornar cidadãos críticos e autônomos;

Motivar a aprendizagem tornando-a significativa para a vida deles, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar.

6 PERCURSO METODOLÓGICO

Todo mundo é um cientista maluco e a vida é o Laboratório. A gente está sempre experimentando, tentando achar um jeito de viver, de resolver os problemas, de se livrar da loucura do caos.

David Cronenberg⁵

A pesquisa realizada ocorreu na Escola Municipal Zulmira de Novais, localizada a Rua Santa Tereza, nº 570, no bairro de Cruz das Armas, na cidade de João Pessoa – PB. Essa realizou-se no período de 03 de abril a 15 de dezembro do ano de 2012, em uma turma de 1º ano do ensino fundamental com vinte e duas crianças matriculadas, sendo dezenove frequentando a escola e dezoito chegando ao término do ano letivo alfabetizadas, com faixa etária entre cinco e oito anos de idade, no turno vespertino, através do Projeto Apoio Pedagógico parceria da prefeitura do município de João Pessoa e UFPB.

Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, teatro, socialização, cidadania, dialogicidade, organização, interação, participação, espontaneidade, motivação, movimento e vivências.

- Atividade com o alfabeto cantado e animado;
- Atividade focada no tema meio ambiente;
- Atividade do bingo com letras e números;
- Atividade focada na criação de palavras malucas;
- Atividade loja maluca de Seu Joaquim focada na Língua Portuguesa, Matemática e senso de organização;
- Atividade projeto máscara focada na cidadania;
- Atividade álbum dos animais focada em Ciências;
- Atividade trânsito focada na cidadania;
- Atividade brincadeiras com jogos educativos focados na Língua Portuguesa.

Quadro 01 – Atividades desenvolvidas na sala de aula.
Fonte: Construção da autora para este trabalho, 2014.

⁵ Site: Pensador.uol.com.br, 2014.

Para a pesquisa nos utilizamos do método de observação participativa na qual aplicamos diversas atividades de forma lúdica com a intencionalidade de promover a aprendizagem da leitura e da escrita nas crianças.

Para tal, aplicamos diversas atividades da Língua Portuguesa, por meio da ludicidade, e para a exposição, registro e análise das atividades realizadas foram elaborados diários de bordo correspondentes a essas oficinas pedagógicas. Portanto esses, na ocasião da pesquisa, foram instrumentos de avaliação da aprendizagem dos alunos, ao mesmo tempo que instrumentos de coleta para a referida pesquisa. Com o intuito de auxiliar na análise dos diários de bordo, elaboramos uma lista de checagem, para melhor agrupar os dados.

A pesquisa realizada de acordo com os procedimentos de coleta foi a pesquisa-ação, de campo, bibliográfica e participativa. Pesquisa-Ação, como o próprio nome já induz, uma pesquisa com técnica, de campo, porque buscamos as informações de forma mais direta com o público em questão; a bibliográfica porque precisamos consultar diversos livros para que pudéssemos realizar um embasamento teórico mais fundamentado; e a participativa porque nossa participação no processo foi efetiva, direta, com intervenção.

A nossa preocupação era de como as crianças iriam agir e reagir, se conseguiríamos facilitar a aprendizagem das crianças, ou seja, estávamos preocupadas com a compreensão, com a interpretação das atividades. Dessa forma de acordo com natureza de dados, a pesquisa foi de cunho qualitativo.

Segundo Thiollent (2002), a pesquisa-ação é realizada de forma que os atores participantes da pesquisa em nosso caso (as crianças e a pesquisadora) participem do discurso em sala de aula propondo resolução para os problemas, propondo soluções e principalmente aprendendo na ação. Neste espaço a pesquisadora exerce papel mediador e facilitador.

No processo de pesquisa-ação, a pesquisadora lida diretamente com seu objeto de pesquisa, tornando a participação mais efetiva, segundo Stringer (1999) (apud THIOLENT, 2002) quando possibilita um significativo nível e envolvimento; capacita os atores na realização das tarefas, dá apoio às crianças para aprenderem a agir com autonomia, fortalece o aprendizado de forma que as crianças sejam capazes de realizar as atividades sozinhas.

O que é observar? Observar é notar, ver, olhar, investigar com atenção. É um comportamento natural do ser humano. DEPRESBITERES (1989) e HAYDT (1988)

(apud MELCHIOR, 1994, p.76) enfatizam a importância da observação como técnica que permite ao professor/ mediador acompanhar o desenvolvimento da criança em todos os momentos. E assim, conhecer melhor a criança, identificar suas dificuldades e suas potencialidades, avaliar seu desempenho nas atividades realizadas e seu progresso na aprendizagem.

Este acompanhamento pretende criar condições para que a criança desenvolva sua personalidade integralmente e não apenas adquira conhecimentos. Estes registros feitos durante a observação são provisórios, considerando que o que a criança não sabe hoje poderá saber amanhã. A função desse registro não é classificar a criança e sim verificar o conhecimento construído e identificar as lacunas que interferem no processo de construção.

Nesta técnica de observação é possível verificar vantagens e desvantagens. Dentre as vantagens podem ser mencionadas a possibilidade de obter informação no momento em que ocorre o fato; efetuar o registro de ocorrência durante a atividade; não requer participação do indivíduo observado; vai facilitar a análise de todas as dimensões do comportamento humano.

Dentre as desvantagens podem ser destacadas: deixa margem à subjetividade do observador; exige tempo do observador; possibilita que as pessoas observadas criem impressões favoráveis ou desfavoráveis, se souberem que estão sendo observadas; pode acontecer de as pessoas não aparecerem no momento da observação; possui número limitado de fatos pelo pouco tempo que o professor/mediador utiliza durante as observações.

As observações podem ser classificadas em informais ou ocasionais e formais ou sistematizadas. As informais são aquelas em que o professor/mediador observa sem ter se organizado para tal. Elas são importantes nas atividades cotidianas de sala de aula porque as crianças agem espontaneamente, porém requerem certo cuidado, para que não ocorram interpretações que conduzam a julgamentos falsos, baseados em ideias pré-concebidas. Para tanto, o professor/mediador deve registrar os fatos tais quais como ocorreram, devem ser subjetivos, necessitam de outras observações e não podem ser rígidos e conclusivos.

As formais são aquelas em que o professor/mediador se organizou/planejou antes de realizar, porque são realizadas com um objetivo determinado e para isso o observador irá se utilizar de um instrumento adequado. Devem ser sistematizadas

com base em alguns critérios: ter objetivos específicos predeterminando, ou seja, o que será observado e com que finalidade; estabelecendo como e em que condições vão ser realizadas; diferenciando facilmente os aspectos acidentais e os essenciais; ter objetividade, descrevendo o fato conforme aconteceu; ter possibilidade de registrar os fatos de imediato, para evitar lapso de memória.

O professor deve criar os instrumentos para registro de observação de acordo com sua necessidade. Segundo (MELCHIOR,1994, p. 90):

Os instrumentos para o registro das observações são muito importantes. Mas ao criar ou adaptar um deles o professor deve considerar a praticidade de seu uso e os seus objetivos, sem deixar de considerar o rigor nos registros.

Para a avaliação, as observações são de extrema importância para o professor, mas não são suficientes, são necessários outros instrumentos, principalmente no que se refere ao aspecto cognitivo da criança.

Por esse motivo realizamos uma pesquisa-ação, na qual é possível avaliar as crianças no seu processo de construção do conhecimento e a si mesma em relação a sua prática. A resolução dos problemas é feita de forma coletiva através da participação da pesquisadora e do grupo em questão. A observação foi efetivada de forma participativa, pois a pesquisadora aplicou as atividades com o grupo em questão concomitantemente.

Realizamos diversas atividades e, apesar de nossa produção estar focada na Língua Portuguesa, procuramos abranger em nossas atividades todas as disciplinas existentes em currículo, incluindo os temas transversais, porém sempre trabalhando a leitura e a escrita das crianças, durante todo o ano letivo. Aplicamos essas atividades através da ludicidade, então dentre estas atividades realizadas escolhemos nove para consolidarmos a análise de dados da referida pesquisa, que serão apresentados a partir do instrumento de avaliação diário de bordo logo a seguir, bem como nos utilizamos de mais um instrumento de avaliação, a lista de checagem, para nos auxiliar nesta análise de dados.

7 ANÁLISE DE DADOS: LUDICIDADE – DA ESPONTANEIDADE A DIVERSIDADE DE LINGUAGENS.

A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida.

John Dewey⁶

Durante o período do estágio, foram elaboradas e aplicadas diversas atividades de maneira lúdica com valor pedagógico e educativo, pois essa prática proporciona diversas vantagens às crianças. Nosso intuito foi facilitar a aprendizagem das crianças em relação à leitura e à escrita, dentre as quais selecionamos nove atividades que estão na ordem em que foram aplicadas:

ATIVIDADE	DATA
Alfabeto cantado e animado	17 de abril de 2012
Meio ambiente	04 de junho de 2012
Bingo das letras e números	09 de julho de 2012
Palavras malucas	09 de julho de 2012
Loja maluca de Seu Joaquim	31 de julho de 2012
Projeto máscara	17 de agosto de 2012
Álbum dos animais	12 de setembro de 2012
Trânsito	26 de setembro de 2012
Brincadeiras com jogos educativos	19 de outubro de 2012

Quadro 02 - Atividades e datas em que foram realizadas
Fonte: Construção da autora para este trabalho, 2014

Iremos apresentar essas atividades através do instrumento de avaliação **diário de bordo**. As atividades foram realizadas com espontaneidade, fator essencial para uma aprendizagem significativa, e diversidade de linguagens: leitura, escrita, oralidade, diálogo, música, imagens, desenhos, pintura, movimento, gestos e emoções.

O instrumento diário de bordo permite segundo Hoffmann (2007), a identificação das crianças através de registros realizados pelo professor sobre as ações, as reflexões, a oralidade de cada criança que seja significativa, ou seja, com o objetivo de verificar se a aprendizagem está sendo construída por cada criança.

⁶ Site: citador.pt, 2014.

Através destas observações o professor consegue constatar as dificuldades e as potencialidades de cada criança, como também seu desempenho durante as atividades aplicadas, seu aspecto afetivo e psicomotor. Mesmo assim são necessários outros instrumentos.

A fim de realizar uma análise interpretativa dos dados, foi elaborado um instrumento de avaliação denominado **lista de checagem**, contendo comportamentos e aspectos que facilitariam verificar o desempenho das crianças nas atividades acima descritas. Como, por exemplo, como as crianças participaram da atividade, ou seja, ouviram as leituras, dialogaram com as professoras, dialogaram com seus colegas, realizaram as atividades escritas, contaram suas experiências, interagiram com as professoras e com seus colegas.

A seguir para melhor clareza do trabalho iremos expor a lista de checagem e os diários de bordo com suas respectivas descrições e análises. No tocante a lista de checagem verificou as ações, os comportamentos que dizem respeito à professora, às crianças e às atividades realizadas.

Diário de bordo	Diário do alfabeto cantado	Diário do Meio Ambiente	Diário do bingo	Diário das palavras malucas	Diário da Loja de Seu Joaquim	Diário das máscaras	Diário do álbum dos animais	Diário do trânsito	Diário dos jogos
Comportamentos / Lista de checagem	Mi I Ma	Mi I Ma	Mi I Ma	Mi I Ma	Mi I Ma	Mi I Ma	Mi I Ma	Mi I Ma	Mi I Ma
A criança participou da atividade	X	X	X	X	X	X	X	X	X
A criança interagiu com as outras crianças e professores	X	X	X	X	X	X	X	X	X
As crianças mostraram interesse	X	X	X	X	X	X	X	X	X
As crianças foram espontâneas	X	X	X	X	X	X	X	X	X
A professora estimulou as crianças	X	X	X	X	X	X	X	X	X
A atividade contribuiu com o aspecto cognitivo da criança	X	X	X	X	X	X	X	X	X
A atividade contribuiu com o aspecto social	X	X	X	X	X	X	X	X	X
A atividade contribuiu com o aspecto afetivo	X	X	X	X	X	X	X	X	X
A atividade contribuiu com o aprendizado de leitura	X	X	X	X	X	X	X	X	X
A atividade contribuiu com o aprendizado da escrita	X	X	X	X	X	X	X	X	X
A atividade contribuiu com a oralidade	X	X	X	X	X	X	X	X	X

 Mi = Minoria das crianças alcançaram
 I = intermediário o número de crianças alcançaram
 Ma = Maioria das crianças alcançaram

Quadro 03 - Lista de checagem

Fonte: construção da autora para este trabalho, 2014

Cada diário de bordo tem objetivos específicos e esses estão atrelados aos objetivos da pesquisa, aos vários componentes curriculares e conteúdos. Para facilitar o reconhecimento deles pelo leitor intitulamos cada diário de bordo de acordo com a atividade que foi criada. Optamos colocar as figuras ao longo do texto para maximizar a clareza das atividades da pesquisa por meio da visualização.

O diário de bordo abaixo intitulado “Alfabeto Cantado e Animado” teve como objetivo identificação das crianças aos signos do alfabeto para posterior leitura e escrita de letras, palavras e frases.

DIÁRIO DE BORDO	
TÍTULO DA ATIVIDADE:	Alfabeto Cantado e Animado
LOCAL, DATA E TURMA:	Escola Municipal Zulmira de Novais João Pessoa, 17 de abril de 2012 1º ano B Turno: Tarde 19 alunos
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:	<p>Pesquisando na internet encontrei um site bem legal: www.bebele.com.br, neste site baixei o alfabeto animado e alfabeto para pintar e vestir. Levei num <i>pendrive</i> para a escola. Lá pedi a diretora para imprimir o alfabeto, ela autorizou, imprimir e depois fomos para a sala de informática para eles assistirem ao alfabeto animado. Todos assistiram atentamente, inclusive tentaram acompanhar tanto a música quanto os movimentos, e assim que surgiam as imagens dos objetos eles falavam logo, como por exemplo, a letra C que era uma canoa eles gritavam logo canoa, a letra I que era um índio eles logo gritavam índio e muitas outras letrinhas. Quando acabou o vídeo, eles pediram para ver novamente, atendemos aos pedidos e colocamos mais uma vez, só que dessa vez a atenção deles já não foi a mesma. Quando terminou voltamos para a sala e entreguei para eles o alfabeto impresso que fora retirado do mesmo site, eram as letras e os objetos para revestirem as letras, como por exemplo, tínhamos a letra A e um avião, tínhamos a letra F e uma foca, tínhamos a letra M e um macaco e assim sucessivamente. Eles pintaram tanto a letra quanto o objeto, nesse meio tempo eu ia perguntando que letra é essa que fulano está pintando? Eles olhavam e respondiam. Depois que pintaram e vestiram as letras, eu ia perguntando se eu juntar a letra de fulano com a de</p>

	sicrano como eu vou ler? Eles em coro respondiam (alguns sabiam, outros tentavam acompanhar a turma). Depois, em outro dia levei papelão e nós colamos as letras e recortamos, ao final da colagem brincamos mais um pouco formando as sílabas à medida que eu perguntava. Foi muito proveitoso.
AVALIAÇÃO	Eles atenderam as minhas expectativas, mostraram interesse em assistir ao vídeo, pintaram, colaram e recortaram (alguns) e quando interrogados respondiam em coro, alguns que não sabiam acompanhavam assim mesmo e tentavam falar mais alto que os outros, às vezes eles olhavam nas paredes, pois havia muitas imagens com suas famílias silábicas, que eles já haviam memorizado. Eles participaram e aprenderam.

Esta atividade foi escolhida por sentirmos a necessidade das crianças de conhecerem os símbolos, de identificarem as letras, pois percebemos que não havia essa compreensão, elas apenas desenhavam as letras, copiavam tudo que estava no quadro tal qual estava lá (se tivesse tudo minúsculo ou se tivesse em letras de forma, elas copiavam do mesmo jeito).

Foi a primeira atividade lúdica aplicada, a primeira atividade lecionada de maneira diferenciada das que as crianças estavam acostumadas, ou seja, através da brincadeira, na qual foram contemplado diversos aspectos, visto que iniciamos com imagens, diversas cores e música a partir de um vídeo, em um ambiente que para elas era bastante agradável, a sala de informática, (um espaço novo e diferente aos que estavam habituadas, amplo e climatizado), proporcionando conforto, satisfação e movimento. O movimento, segundo WALLON (apud SANTOS, 2003), é um dos elementos essencial para a formação do ser, pois a pessoa é movimento, inteligência e emoção.

A atividade foi multidisciplinar abordando *artes* através do desenho, da pintura, da música, da imagem, do movimento e o nosso foco a *língua portuguesa* através do reconhecimento e identificação das letras, dos sons dos fonemas e das formações silábicas.

Foram momentos de participação, interação e construção, pois a dialogicidade entre mediadores e crianças foram intensas nos momentos em que as questionávamos a leitura através das junções das letras nas formações silábicas.

As crianças buscavam informações quando não sabiam ou quando tinham dúvidas, nas paredes da sala de aula, pois lá havia informações que elas já haviam memorizado e mesmo tendo sido memorizado, elas sabiam. Isso é aprendizado, segundo AUSUBEL (apud TORRES, 2013), o qual afirmava que o mais importante na aprendizagem é o conhecimento pré-existente. Era necessário que estimulássemos as crianças ao máximo para que houvesse a compreensão e conseqüentemente uma aprendizagem significativa.

Tendo em vista que os objetivos da atividade eram fazer com que as crianças identificassem os códigos da escrita foi possível perceber que uma boa parcela da turma conseguiu, relacionando o código com as imagens e som do vídeo. A atividade foi motivadora, foi aplicada de maneira divertida, proporcionando momentos de felicidades para as crianças que participaram e interagiram espontaneamente durante toda a atividade.

Neste processo de ensino aprendizagem a espontaneidade é essencial, pois, segundo Spolin (2005), é um momento de liberdade, de descoberta. Os objetivos traçados para a atividade foram alcançados mesmo que de forma parcial, mas a espontaneidade e motivação das crianças na atividade foram de maneira integral.

O diário de bordo seguinte intitulado “meio ambiente” envolve as questões de preservação ambiental, de reciclagem, de economia de água e energia elétrica. Propôs leituras acerca do tema, a qual explorou a oralidade e o diálogo das crianças; a proteção do meio; o exercício da cidadania e a visualidade para que as crianças desenvolvam suas habilidades de leitura, escrita e oralidade de forma significativa.

DIÁRIO DE BORDO	
TÍTULO DA ATIVIDADE:	Meio Ambiente
LOCAL, DATA E TURMA:	Escola Municipal Zulmira de Novais João Pessoa, 04 de junho de 2012 1º ano B Turno: Tarde 19 alunos
	Iniciei com a leitura e debate de três livros da coleção Meio Ambiente, da Editora: BrasiLeitura, de Roberto Belli e José C. Sommer são eles: A questão do Lixo, A

<p>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:</p>	<p>destruição das Florestas e A poluição da Água. Os quais abordaram questões como: diminuir a produção de lixo, separar o lixo em casa e na escola, usar sucata para produzir arte e brinquedos, não derrubar árvores, retirar das árvores apenas o necessário sem danificá-la, plantar árvores, economizar água das formas mais variadas possíveis, não lançar lixo nem produtos químicos nos cursos das águas e nem no solo para não contaminar o lençol freático. Em seguida, levantei questões acerca das leituras, observando os conhecimentos prévios dos alunos e acrescentando mais informações quando necessário. Depois eles realizaram uma atividade que eu tinha pegado na internet, um caderno de atividades projeto meio ambiente, onde eles pintaram, desenharam e ligaram cada latinha a lixeira, trabalharam leitura, números e coordenação motora, além do nosso tema meio ambiente.</p> <p>Após essa atividade, fizemos uma árvore em um painel grande, colamos um tronco feito de E.V.A numa cartolina e sua copa foi feita com as mãozinhas dos alunos com tinta guache, que em fila um por um iam colocando sua mãozinha e assim formando a copa da árvore, depois fomos ao banheiro em grupos meninos e meninas para lavarem as mãos. Depois Enfeitamos com umas frutinhas e uns matinhos também feitos com tinta guache e pincel. Essas atividades foram expostas na culminância do meio ambiente da escola no dia 13.</p>
<p>AVALIAÇÃO</p>	<p>Eles ouviram as leituras atentos e iam fazendo comentários. Falaram de suas experiências em casa e do que viam nas ruas. Participaram da aula, mostraram seus conhecimentos prévios, realizaram as atividades e construíram a árvore com suas mãozinhas e tinta que foi espetacular. Foram organizados, obedeceram a ordem da fila, se empenharam nas atividades.</p>

No dia 05 de junho comemoramos o dia mundial do meio ambiente e pensando nessa data elaboramos uma atividade relacionada a temática que aplicamos um dia antes, pelo fato que o dia 05 fôra em um sábado.

Iniciamos por meio da leitura de três livros: *A questão do lixo*, *A destruição das florestas* e *A poluição da água*, que tratavam da questão ambiental, se referiam ao tratamento que devemos dar ao lixo, inclusive da possível construção de brinquedos a partir do lixo reciclável, que, segundo (PIERRE, 2013, p. 74), construir seu próprio brinquedo é colocar-se na cadeia da cultura. Referia-se ainda sobre a

questão econômica e social que devemos ter perante a água e a energia elétrica e assim preservar e proteger o meio ambiente, valorizar o trabalho manual e intelectual, e exercitar a cidadania.

À medida que realizava a leitura as crianças ouviam atentamente, interrompiam em alguns momentos colaborando com exemplos de suas vivências e dialogando através dela, o que nos mostra que houve compreensão. É a dimensão recepção-descoberta da teoria de AUSUBEL (apud TORRES, 2013), em que o fator mais importante é o que a criança já sabe. E através desses diálogos, continuava a leitura, caminhando pela sala de aula para que as crianças pudessem contemplar as imagens dos livros.

O foco da atividade está na disciplina de *Ciências*, entretanto isso não significa que outras não tenham sido trabalhadas, como por exemplo, *Artes* através da pintura realizada com as próprias mãos, sendo possível observar muita diversão, interação e emoção quando tocaram a tinta e visualizaram a belíssima árvore que construíram com suas próprias mãos. Foi um momento mágico. Na *Língua Portuguesa* o foco foi a oralidade, a expressividade, o diálogo, a relação conteúdos-vivências, tendo em vista que é dominando essas linguagens que as crianças aprendem o processo de leitura e escrita. Segundo Martins (1992), os três níveis de leitura - sensorial, emocional e racional - foram cogitados nesta atividade e contribuíram com o desenvolvimento das habilidades de leituras das crianças. Ainda foram trabalhadas a escrita, números e coordenação motora através de uma atividade proposta por um caderno retirado da internet, (ver figura 07).



Figura 07 – Caderno de atividades

Fonte: <http://lojaideiacriativa.blogspot.com.br/2010/12/caderno-de-atividades-projeto-meio.html>, 2012

Vejamos a árvore que as crianças construíram na fotografia a seguir:



Figura 08 – árvore coletiva
Fonte: TORRES, Eva Cristina Gonçalves, 2012

O diário de bordo a seguir, intitulado “Bingo das letras e números” teve como objetivo o reconhecimento de quem estava identificando dos signos – letras e números – para posteriormente efetuarem leitura e escrita das letras, palavras e frases.

DIÁRIO DE BORDO	
TÍTULO DA ATIVIDADE:	Bingo das Letras e Números
LOCAL, DATA E TURMA:	Escola Municipal Zulmira de Novais João Pessoa, 09 de julho de 2012 1º ano B Turno: Tarde 19 alunos
	<p>Realizei com as crianças um bingo do alfabeto que eu mesma criei e confeccionei. Neste bingo todas as cartelas continham todas as letras do alfabeto e números até o vinte e seis, conforme a quantidade de letras que temos em nosso alfabeto, ou seja, todas as cartelas eram iguais, mudavam apenas os locais que eram alternados para diferenciá-las, e as imagens que coloquei para preencher os campos que haviam ficados vazios. Portanto, todos deveriam bater, deveriam gritar “bingo” ao mesmo tempo, mas infelizmente não foi o que aconteceu. Muitos se perdiam porque realmente não conheciam nem as letras, nem os números, outros tentavam olhar o dos colegas e</p>

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:	se atrapalhavam, e por isso muitos passaram batido. Eu repeti a sequência chamada por várias vezes e mesmo assim muitos não conseguiram encontrar. Porém todos ganharam os prêmios, que foram alguns bombons e pirulito para cada criança. O meu intuito era fazer com as crianças encontrassem, as letras e os números e conseqüentemente saber se estavam reconhecendo. Eu queria saber quem realmente conhecia as letras.
AValiação	Eles participaram da atividade, mas poucos tiveram êxito. Pude perceber que eles (não todos) não conheciam as letras, nem os números, eles haviam decorado aquela sequência oral que costumamos fazer. Mesmo assim participaram da atividade e eu pude ver que poucos conheciam as letras e então pensar numa maneira de fazer com eles reconhecessem as letras e os números, e conseqüentemente realizassem leituras.

Nos momentos coletivos das crianças foi possível perceber que alguns compreendiam, outros não, outros tentavam acompanhar, outros se mostravam em dúvida, por isso criamos esta atividade para tentar visualizar quem reconhece, quem compreende, os que têm dificuldades e quais essas dificuldades, ou seja, foi uma atividade de sondagem.

Então, elaboramos um bingo e todas as cartelas continham todas as letras do alfabeto e os números de acordo com a quantidade de letras, apenas alternado os lugares e cada uma com uma imagem diferente (desenhos), o que aparentemente as tornavam diferentes para as crianças.

Exemplos:



D 4	I 9	Q 17	T 20	B 2	G 7	M 13	P 16	W 23	L 12
R 18	X 24	A 1	F 6			C 3	H 8		Z 26
E 5	N 14	J 10	V 22	K 11	O 15	Y 25		S 19	U 21

Figura 09 – cartela do bingo

Fonte: construção da autora para essa atividade, 2012



C 3	N 14	H 8	X 24	Y 25	L 12	R 18		D 4	S 19
O 15	A 1	V 22	B 2		J 10	F 6		Z 26	M 13
I 9	T 20	K 11	P 16		G 7	W 23	Q 17	U 21	E 5

Figura 10 – cartela do bingo

Fonte: construção da autora para essa atividade, 2012

O motivo de colocar letras e números foi na tentativa de que a criança conseguisse localizar através de um ou de outro, no entanto o êxito foi de poucos, a maioria não conseguiu localizar nem números e nem letras, pois estavam habituados àquelas sequências memorizadas.

As tentativas foram diversas, chegamos a repetir a sequência chamada por mais de três vezes e mesmo assim o resultado não foi o esperado por nós. Assim, por se tratar de um bingo, alguns com o passar do tempo já estavam ficando tristes, pois sabiam que não iriam “bater” e conseqüentemente não iriam ser premiados. Porém, ao final, o prêmio foi entregue para todas as crianças e ficaram todas muito felizes.

Ficaram evidentes as dificuldades das crianças e passamos a pensar em atividades que pudessem garantir o ensino aprendizagem das mesmas. Segundo VYGOTSKY (apud MARTINS, 2003), a criança desenvolve-se através da atividade de brinquedo, o que vem a ser bastante significativo para o desenvolvimento cognitivo da criança.

Nessa atividade, estimulamos, incentivamos as crianças, elas interagiram, demonstraram interesse, mas só foi possível comprovar que a maioria apresenta muitas dificuldades pela falta de reconhecimento das letras e dos números.

O diário de bordo a seguir intitulado “Palavras malucas”, tratava das letras – consoantes e vogais – das sílabas e das palavras inexistentes, seu objetivo era fazer com que as crianças reconhecessem os signos, acreditassem que podiam ler as sílabas e as palavras, mesmo sendo palavras inexistentes. Para em seguida efetuarem leitura e escrita de forma contextualizada.

DIÁRIO DE BORDO	
TÍTULO DA ATIVIDADE:	Palavras Malucas
LOCAL, DATA E TURMA:	Escola Municipal Zulmira de Novais De vez em quando depois do dia 09 de julho de 2012 1º ano B Turno: Tarde 19 alunos
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:	Após a sondagem com o bingo das letras e verificação que a dificuldade em reconhecer as letras era grande, pensei em algo que pudesse chamar atenção em relação as letras e que facilitasse o reconhecimento das mesmas, para leitura e escrita. Então criei as palavras malucas que iniciei em 09 de julho de 2012 e fiz de vez em quando até o término do ano letivo. Eu pedia que cada um falasse uma letra, primeiramente uma consoante, depois uma vogal, depois uma consoante, depois uma vogal e assim sucessivamente, até formar uma palavra bem grande, desconhecida, inexistente e então íamos ler a palavra. Primeiro eles liam as letras, eu apontava uma por uma e eles falavam a letra, depois líamos as sílabas, eu lia a consoante e a vogal e eles diziam a sílaba e por último líamos a palavra. Era um momento mágico, divertido, nós (eu, a professora e as crianças) ríamos muito com as palavras que eles criavam. E às vezes quando a palavra era muito engraçada eu dizia: O que danado é isso? Eles riam demais.
AVALIAÇÃO	Eles não só participavam da atividade, como também a solicitava. Eles gostavam muito, era divertido tanto para eles quanto para mim. Principalmente foi muito proveitosa, pois avalio de forma bastante positiva os resultados. Pude observar que eles melhoraram muito a questão de reconhecimento das letras e puderam realizar leituras.

Ficamos preocupadas diante do resultado inesperado do bingo das letras e dos números, ficamos pensando, tentando encontrar uma maneira que pudéssemos ajudar no processo de aprendizagem das crianças. Foi quando surgiu a ideia de criar palavras, mas não era qualquer palavra, eram palavras esdrúxulas, sem sentido, ou seja, algo que vai de encontro com a teoria de Paulo Freire que

alfabetizava pelo sentido das palavras, pela relação das palavras na vida do educando.

Considero esta atividade a própria ludicidade na Língua Portuguesa. Era muito empolgante, nós nos divertimos muito. Nesse momento lúdico as palavras não tinham sentido algum, no entanto era um grande estímulo, eram engraçadas, divertidas, e com certeza foi de grande valia no processo de aprendizagem da leitura e escrita das crianças. As crianças gostaram tanto que sempre nos pediam para construirmos palavras “malucas”. Diante disso passamos a realizar esta atividade de vez em quando e construímos muitas “palavras malucas”. Esta atividade foi de suma importância, pois facilitou o aprendizado da leitura, da escrita e da oralidade das crianças.

Talvez o exercício com neologismos propiciasse nas crianças um sentimento de autonomia, de potência, através da capacidade criadora. Eles podiam inventar, criar e isso se coadunam com a imaginação infantil.

Segundo Solé (1998), para que seja desenvolvida a atividade de leitura em uma pessoa é preciso que ela sinta que possui capacidade de ler. Esse parece ter sido o sentimento das crianças, elas sentiram que tinham capacidade de ler. Leitura e escrita são procedimentos, ou seja, são os métodos que utilizamos para que as crianças cheguem aos nossos objetivos, que possam produzir leitura e escrita para que possam se tornar cidadãos críticos e autônomos.

A seguir, o diário de bordo intitulado “Loja maluca de Seu Joaquim”, objetivou a compreensão das crianças na leitura, na escrita, nos valores financeiros e a importância da organização para nossas vidas.

DIÁRIO DE BORDO	
TÍTULO DA ATIVIDADE:	Loja Maluca de Seu Joaquim
LOCAL, DATA E TURMA:	Escola Municipal Zulmira de Novais João Pessoa, 31 de julho de 2012 1º ano B Turno: Tarde 19 alunos
	Iniciei colocando tarjetas de papel com palavras referente a frutas, verduras, brinquedos, papelaria e animais em letras cursivas e bastão, nas costas das crianças com fita

<p>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:</p>	<p>adesiva. Abrimos espaço na sala afastando todas as cadeiras e mesas para o canto das paredes. Falei que iríamos desenvolver uma atividade e comecei contando uma história de forma engraçada e lúdica, onde fazia dois papéis o de Seu Joaquim (usando um chapéu de palha) e de D. Severina (usando uma sombrinha infantil). A história narrou a indignação de D. Severina por não conseguir encontrar o que deseja na loja de seu Joaquim devido a desorganização dos objetos. Então pedi que os alunos andassem aleatoriamente na sala, se misturando bastante e D. Severina chega e pergunta: Seu Joaquim o senhor tem aí, cebola? Seu Joaquim responde: Tenho sim. D. Severina pergunta onde está? Seu Joaquim responde: Está por aí, a senhora pode procurar. D. Severina se aborrece, diz que naquela bagunça não vai encontrar o que procura e vai embora. As cenas se repetem por mais umas duas ou três vezes com outros produtos. Depois D. Severina sugere uma inovação na loja maluca de Joaquim, uma organização. Então é definido cinco locais da sala como sendo as prateleiras das frutas, das verduras, dos brinquedos, dos animais e da papelaria. Em seguida peço às crianças que elas mesmas se organizem leiam as tarjetas que estão pregadas em suas costas. Depois vou perguntando abacaxi é o que? Faz parte de que grupo? Eles respondem: é fruta. Pergunto: Está na prateleira correta? Depois D. Severina chega e se espanta feliz com a nova arrumação da loja maluca de seu Joaquim e realiza algumas compras (na medida em que compra a criança que está com aquela tarjeta nas costas vai ao quadro escreve a sua palavra tanto com a letra cursiva quanto bastão no bloco adequado e senta-se), gosta tanto da nova loja que acaba comprando de tudo que há na loja e todas as crianças vão escrevendo ao quadro e sentando-se. Quando terminou essa escrita no quadro com todas as crianças já sentadas, elas começaram a atribuir valores a essas mercadorias, depois cada uma criou uma frase contendo a palavra da sua mercadoria, escreveram em seus cadernos, depois leram e a professora escreveu no quadro para que pudessem fazer a correção, caso houvesse necessidade e para os que ainda não conseguiram ler e escrever apenas falaram uma frase e a professora escreveu no quadro e cada um copiou a sua frase.</p>
<p>AValiação</p>	<p>Eles participaram da atividade, assistiram atentamente minhas encenações, eles se divertiam, gostaram muito. Quem não sabia ler e sentia dificuldade pedia ajuda aos colegas, foi bem interessante. Cumpriram toda a atividade. Entenderam que organização é muito importante.</p>

Esta atividade foi umas das melhores e mais divertidas. Já chegamos com o material pronto para aplicarmos a atividade. Iniciamos com a colocação das tarjetas nas costas das crianças, eles ficaram logo curiosos, querendo saber o que estava escrito nas tarjetas, para que e o que iríamos fazer, então explicamos e solicitamos que afastassem as carteiras, pois precisaríamos de espaço. Iríamos nos movimentar muito.

Então iniciamos as encenações de Seu Joaquim com um chapéu de palha e de Dona Severina com uma sombrinha infantil, além da mudança das vozes. Eles participaram, interagiram, colaboraram, tentaram ler as tarjetas, os que não conseguiram pediram ajuda, estavam bastante empolgados. Escreveram no quadro branco (para elas é o máximo) e em seus cadernos.

Trabalhamos leitura, escrita, encenações, imaginações, emoções, senso de organização, movimento, números, valores financeiros quando atribuímos valores as mercadorias, foi uma atividade multidisciplinar, bastante interessante e envolvente. Nesta atividade foi possível utilizarmos de maneira imbricada as sete inteligências defendidas por Gardner (1997), em sua teoria. Para Gardner (1997), é possível desenvolver todas as inteligências, considerando a carga genética e o meio no qual estamos inseridos. E tal atividade pode ter despertado nos alunos a consciência de nossa essência plural, possibilidade do ser humano que somos.

As crianças puderam perceber que organização é fundamental e foi possível desenvolver habilidades de leitura e escrita de forma divertida. A motivação foi essencial, tornando significativa a aprendizagem não apenas no ambiente escolar, mas fora dele também. Tal motivação fora do ambiente escolar pode ser inferida pela mudança de comportamento e de valores, vista em sala de aula, a exemplo conservação de material escolar, socialização do material escolar com os colegas, senso de organização com seus materiais escolares, consciência da importância da disciplina na formação de filas (para entrar ou sair de sala, por exemplo).

Seguem algumas fotografias tiradas durante a realização da atividade:



Figura 11 – Seu Joaquim

Fonte: TORRES, Eva Cristina Gonçalves. Arquivo pessoal, 2012



Figura 12 – Dona Severina

Fonte: TORRES, Eva Cristina Gonçalves. Arquivo pessoal, 2012



Figura 13 – Lista de compras

Fonte: TORRES, Eva Cristina Gonçalves. Arquivo pessoal, 2012

O diário de bordo a seguir, intitulado “Projeto Máscaras”, objetivou o ensino-aprendizagem da leitura, da escrita e da oralidade, a partir do conteúdo eleição, valorizando a importância do voto para o direito de exercer a cidadania.

DIÁRIO DE BORDO	
TÍTULO DA ATIVIDADE:	Projeto Máscaras
LOCAL, DATA E TURMA:	Escola Municipal Zulmira de Novais João Pessoa, 17 de agosto de 2012 1º ano B Turno: Tarde 19 alunos
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:	<p>Primeiramente pesquisei várias máscaras de animais na internet, entre elas coelho, leão, borboleta, gato e outras tantas e imprimi. Confeccionei uma urna com uma caixa de sapato, cortei alguns pedaços de papéis para confeccionarem as cédulas de votação. Então pedi que colorissem as máscaras, depois colocamos as máscaras e contei uma história para eles: A eleição na mata (HALLER E CÓCCO, 1995: São Paulo, FTD, p.35-36). Eles ouviram atentos, depois pedi que recontassem a história e que escolhessem três animais para concorrerem na eleição, em seguida eles preencheram a cédula de votação escolhendo um dos candidatos para ser o rei da floresta, os candidatos foram: o gato, a coruja e a abelha. Então fizeram a cédula de votação, votaram e colocaram na urna. Depois fomos fazer a apuração dos votos no quadro e a coruja venceu. Solicitei que a coruja fizesse um discurso, ele era muito tímido, então ajudei dizendo mais ou menos o que ele deveria dizer e ele disse bem baixinho, falei que os colegas não escutaram e pedi que falasse um pouco mais alto e ele falou.</p>
AValiação	<p>Eles participaram do início ao fim da atividade, foi muito divertida, eles compartilharam seus conhecimentos prévios a respeito das eleições, comentando em quem seus pais haviam votado, que o candidato tal era bom o outro era ruim, foi maravilhoso. Torceram bastante na hora de contabilizar os votos. E a criança (coruja) venceu um pouco de sua timidez. E na verdade a turma não votou na coruja e sim na criança.</p>

Essa atividade é uma atividade multidisciplinar, pois foi possível trabalhar *Arte* através do desenho, da pintura; *História* refletindo sobre seu direito de exercer sua cidadania, a importância do voto, o direito de escolha; *Ciências* trabalhando as classes dos animais, suas características, o afeto aos animais; *Matemática* na contagem dos votos e em *Português* foi possível realizar leitura, escrita e oralidade de forma significativa, pois estávamos numa prática onde o conhecimento prévio foi valorizado e somado aos novos conhecimentos, portanto havendo compreensão por parte das crianças.

Assim sendo, foi possível observar que foi trabalhado o cognitivo, o emocional, o social e o psicológico da criança, através da ludicidade, foi significativo porque segundo Solé (1998), houve envolvimento por parte das crianças por terem se sentido capazes de compreender, de ler, devido aos conhecimentos prévios de cada um, quando falavam de suas vivências, dos candidatos políticos em que suas famílias votaram, *que fulano era bom por isso ou era ruim por aquilo*, falas que ouviam de seus familiares; das emoções através da escuta atenta da leitura da história, através da escolha dos candidatos, da torcida no momento da contagem dos votos, da espontaneidade da vibração quando a criança (representando a coruja) venceu as eleições.

No momento do discurso, em agradecimento aos votos, a timidez da criança quase não o deixava respirar, mas a ajuda, o estímulo, o incentivo da mediadora para com a criança foi essencial e de grande eficácia, fazendo com que a mesma conseguisse falar ao menos três frases, vencendo assim, sua timidez.

A atividade foi executada com sucesso, pois seus objetivos foram alcançados, puderam produzir leitura e escrita, suas habilidades foram desenvolvidas de forma divertida, inclusive além do esperado. Diante dos fatos, foi possível perceber a participação e interação das crianças, atenção dedicada das crianças no momento da realização da leitura, a empolgação e os diálogos durante a eleição, a vibração, a torcida no momento da contagem dos votos, a confecção das cédulas eleitorais estimulando a escrita e o inesperado uma criança vencendo sua timidez e sendo aplaudida pelos seus colegas.

Estas atividades lúdicas proporcionam muitas vantagens para as crianças, integram as dimensões afetivas, sociais, cognitivas e motoras, desenvolvem os valores sociais como respeito, cooperação e honestidade. Ainda foi possível verificar na atividade aplicada o desenvolvimento de uma das competências de ensino do

professor, que, segundo Carvalho (2006), uma criança realmente aprende quando discute suas ideias e compara com outras, o que foi efetivado durante a atividade. Observe algumas fotografias da atividade realizada:



Figura 14 – Contação de história
Fonte: TORRES, Eva Cristina Gonçalves. Arquivo pessoal, 2012



Figura 15 - Máscaras
Fonte: TORRES, Eva Cristina Gonçalves. Arquivo pessoal, 2012

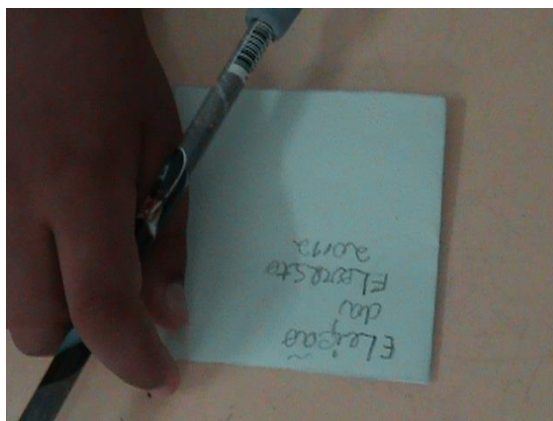


Figura 16 – Cédula de eleição
Fonte: TORRES, Eva Cristina Gonçalves. Arquivo pessoal, 2012



Figura 17 – Urna/votação

Fonte: TORRES, Eva Cristina Gonçalves. Arquivo pessoal, 2012

O diário de bordo a seguir, intitulado “Álbum dos animais”, propôs trabalhar os animais em suas classificações e características, os números e a coordenação motora, valorizando a leitura dos signos e das imagens.

DIÁRIO DE BORDO	
TÍTULO DA ATIVIDADE:	Álbum dos animais
LOCAL, DATA E TURMA:	Escola Municipal Zulmira de Novais João Pessoa, 12 de setembro de 2012 1º ano B Turno: Tarde 19 alunos
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:	<p>Essa atividade foi enviada pelo pessoal do projeto Apoio Pedagógico. Era um álbum com sete páginas com locais para colarmos as figurinhas com os nomes e números classificados assim: mamíferos, aves, répteis, anfíbios, ovíparos, vivíparos, ovovivíparos, locomoção, alimentação, onde vivem e animais em extinção, contendo 45 figurinhas. Então primeiramente pedi que colorissem as figurinhas, que depois recortassem, pois eram várias em uma única página e entreguei os álbuns já montados e grampeados para que colassem, então íamos colocando à medida que respondiam quando eu perguntava. Exemplo: O que são animais mamíferos? Eles respondiam: os que mamam. Algumas características. Eles falavam: tem pelos, nascem da barriga da mãe. E quais são os animais destas figurinhas que mamam? No álbum está escrito os nomes. Então, eles tentavam ler, eu ajudava e assim foram descobrindo os animais e eu ia falando: número seis, baleia, número sete, morcego e eles iam colando. Na alimentação havia carnívoro, herbívoro e onívoro. Então,</p>

	perguntava os animais carnívoros se alimentam de quê? Eles respondiam de carne, então pedia que encontrasse o animal e colasse no local adequado. E assim sucessivamente, eles ficaram bastante empolgados, queriam responder tudo.
AVALIAÇÃO	Eles sempre respondiam quando eu perguntava. Quando não sabiam ler, tentavam adivinhar, falando vários nomes de animais, outras vezes pegando carona na fala dos colegas, mas participavam. Gostavam, se divertiam. Na questão da coordenação motora, ou seja, no recorte das figurinhas, alguns tiveram dificuldade, chegando inclusive a recortar os animais.

Boa parte desta atividade foi realizada previamente pelas professoras, como na montagem dos álbuns. A atividade está relacionada à disciplina de *Ciências* com a qual foi possível contemplar os animais vertebrados, suas características, seus hábitos alimentares, seu habitat de maneira simples e envolvente. Trabalhando ainda com os números da *matemática*, *artes*, coordenação motora, através do manuseio da tesoura e a leitura de forma significativa com imagens e sentidos.

Coloriram as imagens para em seguida colá-las no álbum. Era necessário realizar leitura para saber o local exato de cada figurinha. Além disso, estimulávamos durante todo o tempo com perguntas e dicas. Muitos responderam, outros “pegaram carona”, mas participaram.

A atividade tornava-se significativa para a vida das crianças, pois tiveram a oportunidade de contar diversas histórias a respeito dos animais que já viram de alguma forma (na televisão, no zoológico, no circo) e dos animais que possuem, que criam, falando dos cuidados e do carinho necessário para tê-los em suas casas ou falar de alguém que conhece e que os possuem. Era do ser que, eminentemente, nasceu também para cuidar. Eles, meninos e meninas, tratavam, sem perceber, do papel que o homem tem, enquanto ser ecológico.

O diário de bordo a seguir, intitulado “Trânsito”, teve como objetivo o respeito às leis de trânsito, aos sinais e as placas de trânsito, através da leitura da revista em quadrinhos e dos diálogos em sala de aula, visando a segurança da criança e toda a sociedade, como também uma aprendizagem significativa da leitura e da escrita.

DIÁRIO DE BORDO	
TÍTULO DA ATIVIDADE:	Trânsito
LOCAL, DATA E TURMA:	Escola Municipal Zulmira de Novais João Pessoa, 26 de setembro de 2012 1º ano B Turno: Tarde 19 alunos
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:	Foi um plano elaborado para uma disciplina da UFPB. Iniciei com a leitura da revista em quadrinhos da Turma da Mônica: Trânsito seguro, lição pro futuro! Abordando questões como: o que é trânsito, algumas placas de regulamentação e algumas placas de advertência, a importância da faixa de pedestre, a importância do uso do cinto de segurança, o semáforo e seus significados, entre outras. Após a leitura, conversamos a respeito da temática observando os conhecimentos prévios dos alunos e acrescentando mais informações quando necessário. Desenhei no quadro algumas placas e pedir para que identificassem, propus algumas situações para que eles falassem se estava correto ou errado. Depois fizemos as atividades já impressas que estavam na revista. Quem ia terminando a atividade ia brincar com um jogo de tabuleiro da temática trabalhada, que também estava na revista.
AValiação	Eles interagiram muito bem, houve alguns momentos que durante a leitura da revista eles ficaram dispersos, mas logo voltavam a concentrar-se, depois fizeram as atividades, e a maioria apresentou dificuldades em uma das atividades a de seguir o caminho do quadro A no quadro B.

Trânsito, um tema excelente e ótima oportunidade para trabalhar com as crianças o exercício da cidadania, através do respeito às leis de trânsito, aos sinais e as placas de trânsito, pensando na segurança de cada uma delas e de toda a sociedade.

A ênfase aqui está na disciplina de *História*, embora envolva *Artes* com os desenhos, *Língua Portuguesa* com a leitura da revista, a escrita nas atividades propostas pela própria revista e que, inclusive, muitos tiveram dificuldades em resolver uma das questões. Após a realização da atividade, um joguinho de tabuleiro

que fazia parte da revista e da temática. A atividade não foi muito bem sucedida, porque a historinha foi muito longa e durante alguns momentos as crianças ficaram dispersas e não demonstravam interesse, porém, logo retornavam a atenção, mas já não já não tinha o mesmo sentido, devido a quebra que ocorria.

Apesar dessa quebra durante a aula, foi possível tornar a atividade significativa para a vida das crianças, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar. Isso se revela pelos exemplos que davam do seu cotidiano, denotando a sua criticidade. Posturas infratoras no trânsito tais como andar de motocicleta sem capacete, veículo ultrapassar o sinal vermelho, parar o veículo em cima da faixa de pedestre, transitar veículos na contramão, agora, já eram percebidas e denunciadas pelas próprias crianças. A função do suporte textual, revista em quadrinhos, adquirida na Casa da Cidadania no município de João Pessoa, que retratava o código de trânsito brasileiro, parece ter cumprido o seu papel na leitura e na escrita enquanto produção social.

O diário de bordo a seguir, intitulado “Brincadeiras com jogos educativos”, tinha como objetivo leitura e formação de palavras a partir dos signos do alfabeto e de imagens, percorrer um caminho estabelecido contando os pontos dos dados e efetuando a leitura no local de parada, para produção de leitura e escrita.

DIÁRIO DE BORDO	
TÍTULO DA ATIVIDADE:	Brincadeiras com jogos educativos
LOCAL, DATA E TURMA:	Escola Municipal Zulmira de Novais João Pessoa, 19 de outubro de 2012 1º ano B Turno: Tarde 19 alunos
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:	Encontrei em uma gaveta do armário da sala de aula, uma caixa com jogos educativos (trinca mágica, palavra dentro da palavra, batalha de palavras e bingo da letra inicial) resolvi brincar com eles para atender seus pedidos. Infelizmente não foi uma brincadeira muito bem sucedida, dividi a turma em quatro grupos, distribui os jogos dizendo que íamos trocando para que todos pudessem brincar com todos os jogos, iríamos fazer um rodízio. Iniciamos, mas era preciso um mediador em cada grupo, eu sozinha não tinha condições de realizar todas as mediações, então

	<p>ficaram todos chamando ao mesmo tempo, se levantando e querendo trocar de jogo, porque não sabiam jogar e nem esperar. E eu fiquei um pouco desesperada, querendo dar conta de tudo e sem ter condições. Apenas alguns conseguiram brincar, com apenas algumas explicações e depois me traziam apenas para confirmar se estavam corretos. Não ficaram satisfeitos. Então, pediram para brincar de outra coisa, de palavras malucas. Guardamos tudo, prometi que brincaríamos em outro momento, que eu iria tentar encontrar uma maneira de todos participarem da mesma brincadeira, pois assim eu poderia fazer a mediação tranquila. Todos concordaram e fomos brincar de palavras malucas.</p>
<p>AVALIAÇÃO</p>	<p>A avaliação foi mais para mim, pois veio a confirmar que algo sem planejamento raramente dar certo. Não conhecia os jogos, apenas encontrei e tentei satisfazer a vontade das crianças e só depois percebi que não seria possível mediar a todos ao mesmo tempo e alcançar os objetivos. Então virou uma bagunça, mas eles foram criativos e inteligentes quando propuseram mudar o jogo e fomos construir palavras malucas.</p>

Os jogos são importantes, porém, conforme Antunes (2003), não é apenas conhecer ou aplicar os jogos, e sim refletir suas regras, porque se forem bem trabalhadas formarão para a vida. Para isso, existe a necessidade do mediador para estimular, incentivar e garantir a aprendizagem das crianças.

Esta atividade não foi bem sucedida, foi a menos favorável. Constituiu-se em uma atividade que não conseguimos alcançar nossos objetivos, mas não foi por falta de estímulos às crianças, de incentivo, de condições para tal nos jogos, e sim por falta de mediação adequada, considerando ser impossível mediar vários grupos com jogos diferentes ao mesmo tempo.

Isso veio ratificar que o planejamento e a mediação dos professores são indispensáveis para o processo de ensino-aprendizagem das crianças. As próprias crianças perceberam que sem essa mediação não seria possível concluir os jogos e sugeriram guardar os jogos e construir “palavras malucas”. Assim o fizemos. Abrir-se para atender às necessidades dos alunos faz parte da escuta pedagógica que deve ser uma constante na prática docente. Não será possível formar em nossas salas de

aula crianças participativas e críticas, se não lhe dermos vez e voz para também, junto conosco, docentes, decidirmos sobre o processo ensino-aprendizagem.



Figura 18 – Trinca mágica

Fonte: TORRES, Eva Cristina Gonçalves. Arquivo pessoal, 2012



Figura 19 – Batalha de palavras

Fonte: TORRES, Eva Cristina Gonçalves. Arquivo pessoal, 2012



Figura 20 – Bingo da letra inicial

Fonte: TORRES, Eva Cristina Gonçalves. Arquivo pessoal, 2012

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo da criança é mágico, repleto de fantasias, de emoções e nada melhor para estimular essas ideias do que os jogos, os brinquedos e as brincadeiras. Assim sendo o lúdico passou a ser necessidade básica da criança, pois é espontâneo, motivador e eficiente, provocando o desenvolvimento de suas habilidades e garantindo assim uma aprendizagem significativa.

Leitura e escrita são prioridades no ensino fundamental e as atividades sendo desenvolvidas de forma lúdica estarão repletas de signos e símbolos que são significativos para o desenvolvimento cognitivo da criança. É através das linguagens (leitura, escrita e oralidade) que ocorre o processo de alfabetização.

A leitura e a escrita são procedimentos; seu domínio pressupõe poder ler e escrever de forma convencional. Para ensinar os procedimentos, é preciso “mostrá-los” como condição prévia à sua prática independente. [...] (SOLÉ, 1998, p. 63).

A proposta da pesquisa foi lecionar a Língua Portuguesa através da ludicidade. A finalidade foi desenvolver nas crianças aprendizagens e habilidades de leitura e de escrita de forma divertida, como também identificar os códigos da escrita não apenas para que venham decodificar, mas para saber ler as entrelinhas; produzir leitura e escrita para que possam tornar-se cidadãos críticos e autônomos; motivar a aprendizagem tornando-a significativa para a vida deles tanto dentro quanto fora do ambiente escolar.

A motivação, a espontaneidade e o conhecimento prévio das crianças são condições essenciais nesse processo. Wallon em sua teoria afirma que as brincadeiras e os jogos possibilitam o desenvolvimento das crianças, principalmente das emoções. Já Ausubel valoriza o conhecimento prévio da criança.

As oficinas pedagógicas são procedimentos propícios tanto nas brinquedotecas como em salas de aula, instigando inclusive a construção de brinquedos.

Construir seu próprio brinquedo e brincar diz respeito a colocar-se na cadeia da cultura. É fazer-se parte das construções do mundo humano; é constituir-se como continuador da tradição, como partícipe da experiência humana do brincar no mundo. (PIERRE, 2013, p.74)

As atividades lúdicas realizadas em grupo proporcionam diversas vantagens às crianças e para que seja possível realizar essas atividades pedagógicas, diante de tantas situações e conflitos que ocorrem diariamente no ambiente escolar os professores/mediadores necessitam desenvolver competências, ou seja, habilidades de ensino.

Toda essa experiência vivida com intensidade em um dado momento é a vivência que Rolando Toro (2005), defende na teoria da biodanza, que ocorre em três níveis: o cognitivo que envolve vários fatores como o pensamento, a linguagem, a percepção, a memória e o raciocínio; o vivencial que envolve o amor, a cultura, os hábitos, os costumes; e o visceral que envolve o que está entranhado, ou seja, o eu.

A pesquisa realizada de acordo com os procedimentos de coleta foi a pesquisa-ação, com observação participativa porque nossa participação no processo foi efetiva, com intervenção, de cunho qualitativo. Para a análise apresentamos nove atividades através do instrumento de avaliação **diário de bordo**, e elaboramos outro instrumento de avaliação **lista de checagem** para o auxílio desta análise.

O resultado da pesquisa foi positivo, os objetivos foram alcançados, pois dentre as nove atividades aplicadas em oito foi possível observar a participação, o envolvimento, o estímulo, a alegria, o interesse e principalmente uma aprendizagem significativa, a qual as crianças compreendiam o conteúdo aplicado em sala de aula relacionando com suas vivências. Das dezenove crianças dezoito foram alfabetizadas.

Quanto a criança que não obteve êxito, é outro caso, ou seja, foi outro problema identificado na pesquisa. O motivo estava na família que não ajudava a criança em casa com suas atividades e ainda atrapalhava, pois sua mãe ao invés de ajudar e orientar na realização das tarefas, simplesmente respondia, fazendo-as no lugar da criança. Entretanto, esse é objeto para outro estudo.

A pesquisa confirma a seriedade do brincar e a importância da ludicidade no processo de ensino-aprendizagem das crianças. Acreditamos ainda que o estudo acerca dessa temática contribuirá para que muitos profissionais venham a refletir sua prática, dinamizando sua metodologia, de forma planejada e interessante, para que suas crianças tenham um ensino-aprendizagem expressivo, de sucesso.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. *Retorno garantido*. Revista Educação. Ano 27, nº 230, junho de 2000. Entrevista concedida a Marta Avancini.

_____. Celso. *O jogo e a educação infantil: falar e dizer, olhar e ver, escutar e ouvir*. Fascículo 15. Editora Vozes. 2003.

BALLAMINUT, Silvana. *O que é brinquedoteca?* Disponível em: <http://www.agapo.com.br/site2011/index.php?option=com_content&view=article&id=76:oqueebrinquedoteca&catid=45:brinquedoteca-hospitalar&Itemid=37 acesso> em: 10/12/13

BRASIL. *Convenção sobre os Direitos da Criança*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D99710.htm> acesso em: 30/07/2014

_____. *Declaração universal dos direitos da criança* - UNICEF. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c_a/lex41.htm> Acesso em: 18/12/12.

_____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* – LDBEN nº 9394/96 <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 18/01/14

_____. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>> Acesso em: 18/01/14

_____. *Plano Nacional de Educação 2011-2020*. Disponível em: <http://conae.mec.gov.br/images/stories/pdf/pne_projeto_lei1.pdf> acesso em: 20/07/2014.

_____. *Referencial curricular nacional para a educação infantil* /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Vol. 1 Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, Anna M. P. de. *Prática de ensino: os estágios na formação do professor*. 2ª edição. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1987.

CARVALHO, Walkíria Pinto de. *A ludicidade em Cecília Meireles como sensibilização para a leitura na educação fundamental*. 83 f. Dissertação (mestrado) – Em Educação. Universidade Federal da Paraíba. 2006.

FERREIRA, Maria Saloniilde. *Oficina Pedagógica: recurso mediador da atividade de aprender*. RIBEIRO, Marcia Maria Gurgel; FERREIRA, Maria Saloniilde. *Oficina pedagógica: uma estratégia de ensino-aprendizagem*. Natal: EDUFRN, 2001, p. 9-14.

FONSECA, Patrícia Oliveira. *Intertextualidade, tipologia e os gêneros textuais no ensino de língua portuguesa. Linguagem e ensino: realidades que se inter cruzam*. São Paulo: Paulinas, 2012.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 34. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
GARDNER, Howard. *O conjunto das habilidades humanas*. Revista Nova escola. Ano XII, nº 105, setembro de 1997. Entrevista concedida à Nova Escola.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. *Vivência e Identidade: uma visão biocêntrica*. 2ª edição em brasileiro, Fortaleza 2002.

GOMES, Adriano Lopes. A diversidade dos sentidos no território do leitor: o caso Valéria. *Educação e leitura: trajetórias de sentidos*. João Pessoa. Ed. UFPB. 2003.

GONÇALVES, Elisa Pereira. *Conversas sobre iniciação à pesquisa científica*. Campinas, SP: Alínea, 2007.

LIRA, Bruno Carneiro. "O pobrema é qui num sei o qui fazê". "Tô pagano!" *Linguagem e ensino: realidades que se inter cruzam*. São Paulo: Paulinas, 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Ludicidade e Atividades Lúdicas* uma abordagem a partir da experiência interna. 2005. Disponível em: <<http://www.luckesi.com.br/artigoseducacaoludicidade.htm>> acesso em 07/12/13

MACEDO, Lino de. *Ensaios construtivistas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. Desafios da alfabetização na perspectiva do letramento. *Revista Presença Pedagógica*. Belo Horizonte, v. 7, 2001, jan/fev. 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção Textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008, p. 154-178.

MARTINS, Charles Gomes; BARBOSA, Maria Lúcia F. As distintas concepções de língua e texto subjacentes às práticas docentes nas condições escolares de produção textual. *Linguagem e ensino: realidades que se inter cruzam*. São Paulo: Paulinas, 2012.

MARTINS, Maria Audenôra das Neves Silva. A contribuição das cantigas de roda no desenvolvimento cognitivo da criança da educação infantil. *Educação e leitura: trajetórias de sentidos*. João Pessoa. Ed. UFPB. 2003.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 14ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 36-81.

MARTINS, Marilena Flores. *O homem lúdico*. Disponível em: <http://inforum.insite.com.br/arquivos/3039/o_homem_ludico.doc> Acesso em: 04/05/2014.

MELCHIOR, Maria Celina. *Avaliação pedagógica: função e necessidade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

NETO, José Augusto da Silva Pontes. *Teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel: perguntas e respostas*. Disponível em: <<http://docente.ifrn.edu.br/mauriciofacanha/2014.1/metodos-de-ensino-de-quimica-i/PERGUNTAS%20E%20RESPOSTAS%20SOBRE%20A%20TEORIA%20DA%20A.S.-%20DE%20AUSUBEL.pdf>> acesso em 02/03/14

NOVINSKY, Anita. *Associação Janusz Korczak do Brasil*. Livros. 2013. Disponível em: <<http://www.ajkb.org.br/site/?p=conteudo&id=3>> Acesso em: 16/06/14

PEREIRA, Maria de Lourdes. *Inovação para o ensino de Ciências Naturais*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

PIERRE, Normando Gomes da Silva. *Oficina de brinquedos e brincadeiras*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio: diferentes concepções. *Coleção docência em formação – série saberes pedagógicos*. 6ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.

RESENDE, Andréa Andrade de Siqueira de. O desafio de formar leitores. *Revista Presença Pedagógica*. Belo Horizonte, v. 6, nº 34, jul/ago. 2000.

SANTOS, Cássio Miranda dos. Levando o jogo a sério. *Revista Presença Pedagógica*. V.4 nº 23, set/out 1998.

SANTOS, Fernando Tadeu. Educação por inteiro. *Revista Nova Escola*. Ano XVIII, nº 160, março de 2003.

SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. Contação de histórias – para jovem gostar de ler. Chapecó (SC): Argos, 2001, p. 99-106.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2005.

TORO, Rolando. *Biodanza*. 2ª ed. São Paulo: Olavobras, 2005.

THIOLLENT, Michel. *Construção do conhecimento e metodologia da extensão (2002)*. Disponível em: <<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=CONSTRU%C3%87%C3%83O+DO+CONHECIMENTO+E+METODOLOGIA+DA+EXTENS%C3%83O+>>> acesso em: 16/05/2014.

TORRES, Eva Cristina Gonçalves. Patrimônio cultural e ludicidade: uma proposta educativa para os anos iniciais do ensino fundamental. *Educação patrimonial: educação, memórias e identidades*. João Pessoa: Iphan, 2013. p. 21-26.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996. p. 17-40.